

**Hobbes**  
**e uma**  
**teoria da ação humana.**

Mariana dos A. V. Gancho.

Orientador – Prof. Dr. Floriano J. Cesar.

Universidade São Judas Tadeu

Gancho, Mariana dos Anjos Vilares

Hobbes e uma teoria da ação humana. / Mariana dos Anjos Vilares Gancho. - São Paulo, 2005.

Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2005.

Orientador: Prof. Dr. Floriano J Cesar

1. Hobbes, Thomas. 2. Razão. 3. Paixão. 4. Deliberação. I. Título

CDD- 192

<b>Capítulo I – Método e Sistema de Hobbes</b>	
Introdução .....	04
Hobbes e a ciência de sua época .....	06
Sistema de Hobbes	
Método científico na teoria política de Hobbes.....	10
Do método ao sistema .....	14
<b>Capítulo II - Física hobbesiana</b>	
Aspectos da física hobbesiana .....	20
Corpo .....	23
Acidentes .....	24
Magnitude .....	25
Movimento .....	28
Corpo externo movido e contíguo .....	28
<b>Capítulo III - Sensação</b>	
Não existe vazio entre os corpos .....	30
Conato .....	31
Fenômeno .....	34
Movimento vital .....	35
Sensação .....	38
<b>Capítulo IV - Razão</b>	
Razão - Faculdades da mente .....	41
Poder cognitivo	
Sensação e imaginação .....	42
Recordação .....	43
Experiência .....	44
Expectativa .....	45
Raciocínio	
Cálculo .....	47
Discurso mental .....	48
Linguagem .....	49
Entendimento .....	53
Conhecimento .....	54
<b>Capítulo V - Paixão</b>	
Prazer e dor .....	57
Apetite e aversão .....	59
Ação humana e seus fins .....	60
Paixão .....	61
Razão e Paixão .....	63
<b>Capítulo VI - Deliberação</b>	
Deliberação .....	64
Vontade e ação .....	66
Direito natural .....	65
<b>Conclusão</b> .....	69
<b>Bibliografia</b> .....	67

## **Abreviaturas das Obras de Thomas Hobbes**

NH *Natureza humana*

Lev *Leviatã ou matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil*

DCo *De Corpore*

DHm *De Homine*

DCv *De Cive*

## RESUMO

A teoria da ação humana de Hobbes, tanto se aplica ao homem em si mesmo, seus medos e anseios individuais, quanto à vida em sociedade, na qual o homem precisa se comunicar e se relacionar com outros homens. Toda a teoria está pensada e desenvolvida a partir do conhecimento científico e metódico do próprio homem, por isso é fundamental, antes de tratar da teoria da ação humana propriamente dita, falar a respeito de seu método e sistema. O método de pesquisa exige que Hobbes, por um processo analítico, busque pelos primeiros princípios, que estão na física, depois, pelo processo de recomposição, ele passa pela psicologia humana para chegar ao desenvolvimento de uma teoria política perfeitamente embasada no próprio homem. Disso pode-se concluir que o sistema é uma decorrência necessária do método. Por meio da física Hobbes estuda o movimento e seu papel no funcionamento dos corpos de um modo geral e no corpo humano. Por meio desse conhecimento ele chega ao entendimento do comportamento do homem e seus movimentos naturais. Uma vez compreendido o funcionamento do homem nas suas principais vertentes, razão e paixão, tem como estudar e entender seu comportamento e seu relacionamento com outros homens e com o Estado. É esse entendimento sobre o homem que vai permitir a Hobbes construir um Estado que seja adequado às suas necessidades e de tal forma estruturado e forte que não seja destruído pelo próprio homem.

## Introdução

O objetivo deste trabalho era, inicialmente, buscar a fundamentação da teoria política a partir da compreensão da perspectiva de Hobbes a respeito da natureza humana. Considerando o fato de que Hobbes é um filósofo metódico, e que seu método requer um retorno aos primeiros princípios a partir dos quais possa desenvolver todo um sistema de pensamento que culmina na ciência política, pensei trilhar esse mesmo caminho e buscar nas teorias sobre a física e a psicologia do homem a fundamentação de sua teoria política.

Ocorre que no processo de elaboração encontrei temas e aspectos muito interessantes que me fizeram repensar meu projeto e desenvolver mais a pesquisa a respeito da natureza humana, pesquisa que provavelmente servirá de primeira parte de uma pesquisa maior que alcance a teoria política de Hobbes.

Por ora, pretendo apenas apresentar neste trabalho um estudo sobre o pensamento de Hobbes a respeito da ação humana que tanto se aplica ao homem em si mesmo, seus medos e anseios individuais, quanto à vida em sociedade, na qual o homem precisa se comunicar e se relacionar com outros homens. Hobbes detalha como e por que o homem se organiza em sociedade, mesmo sendo naturalmente egoísta e voltado apenas para seus próprios interesses.

Início o trabalho com o método e sistema de Hobbes, por acreditar que, em primeiro lugar, método e sistema estão tão relacionados um ao outro e que não se pode tratar de um deles isoladamente; em segundo, sistema e método levaram nosso autor, por um processo analítico, à busca do entendimento dos primeiros princípios, que estão na física e, pelo processo de recomposição ele passa pela psicologia humana para chegar ao desenvolvimento de uma teoria política perfeitamente embasada no próprio homem.

Este é outro aspecto interessante em Hobbes, toda sua teoria está pensada e desenvolvida a partir do conhecimento científico e metódico do próprio homem. Não há lugar para idéias inatas, Deus ou qualquer outro artifício na composição

de sua teoria política, apenas a própria natureza humana justifica e determina como deve ser o Estado.

Com esse intuito, depois do método e sistema veremos a física hobbesiana e como ela nos leva ao entendimento do comportamento do homem. Uma vez compreendido o funcionamento do homem nas suas principais vertentes, razão e paixão, temos como estudar e entender seu comportamento e seu relacionamento com outros homens e com o Estado. É esse entendimento sobre o homem que vai permitir a Hobbes construir um Estado que seja adequado às suas necessidades e de tal forma estruturado e forte que não seja destruído pelo próprio homem.

Como já mencionei antes, este trabalho vai somente até a análise da ação humana, mas sempre tendo em vista qual a importância que esse estudo e entendimento vão ter na teoria política de Hobbes.

# Capítulo I

## Hobbes e a ciência de sua época

Diversos acontecimentos importantes no campo da ciência marcaram uma acentuada e irreversível mudança no modo de vida, nos costumes e na organização política e religiosa do século XVII. Entre tantos acontecimentos marcantes, destaque-se principalmente os seguintes, que estão mais diretamente relacionados com a obra de Thomas Hobbes: a nova teoria astronômica de Copérnico que comprovou ser o centro do universo o Sol e não a Terra, como até então se acreditava; as descobertas e experiências de Galileu Galilei que revolucionaram os conceitos vigentes sobre o mundo e sobre o papel do homem no mundo; o crescimento econômico e o intercâmbio cultural provocados na Europa pela retomada de relações comerciais com o Oriente e pela descoberta de novos povos e civilizações nas Américas. A Europa passava nessa época também por vários acontecimentos políticos importantes, dentre os quais, um sentimento anti-romano muito intenso, sobretudo entre os venezianos no meio dos quais ele se encontrava e que certamente o influenciaram.

Foi nesse cenário que Hobbes estudou e amadureceu seus conceitos a respeito de moral e política. Logo que terminou seus estudos, quando ainda contava com seus 20 anos, foi nomeado tutor, e mais tarde secretário, de Sir William Cavendish, com quem fez sua primeira viagem à Europa, provavelmente entre 1610 e 1613. Justamente nesse período Hobbes teve oportunidade de traduzir 75 cartas remetidas a Sir William por Frei Fulgenzio Micanzio, conselheiro de Estado da República de Veneza, o qual se revelava grande admirador de Francis Bacon e um amigo pessoal e correspondente de Galileu. Hobbes passa a admirar também Francis Bacon, do qual foi secretário por algum tempo, acreditando mesmo que ele tivesse plenas condições “de conduzir a revolução no cenário

científico”<sup>1</sup>. Essa certeza parece ter diminuído com o tempo e com a percepção da verdadeira importância das teorias de Galileu, que se revelou, este sim, um grande revolucionário no campo da ciência e exerceu grande influência sobre Hobbes.

Segundo A. Pacchi, consta entre os documentos de Chatsworth, em cuja casa Hobbes viveu enquanto foi preceptor e secretário dos Cavendish, uma lista de leitura com a caligrafia de Hobbes, escrita, segundo Pacchi, por volta de 1625, contendo 900 títulos, dos quais 123 de geometria, incluindo 10 edições diferentes dos *Elementos* de Euclides. Pacchi acredita que esta lista de leitura não serviria apenas para os estudos de seu aluno, mas “comprovaria os estudos de pós-graduação do próprio Hobbes (antes de seus 40 anos), presumivelmente dando seqüência à inspiração suscitada pelas experiências adquiridas na primeira viagem à Europa”<sup>2</sup>. Isso mostra que ele já possuía algum, senão muito, conhecimento de geometria em seus anos de juventude, ao contrário do que afirmam alguns biógrafos segundo os quais Hobbes teria começado a se interessar por geometria muito tardiamente, com 40 anos, após um primeiro contato com a geometria euclidiana, até então desconhecida para ele e que o deixou fortemente impressionado pela demonstração a partir de proposições e teoremas. Mais concordante com esta última versão está Joaquin Rodriguez Feo, na sua introdução ao *De Corpore*<sup>3</sup>, para quem os *Elementos* de Euclides teriam sido ensinados a Hobbes em seus estudos iniciais, visto que era próprio da época ensinar geometria euclidiana nas escolas.

Para Feo, o que provocou interesse e admiração em Hobbes já na idade mais adulta, não foi a geometria euclidiana simplesmente. Foram, sim, as inovações científicas e descobertas de Galileu, no campo da física, e de Harvey, no campo da ciência do corpo humano. Em princípio de 1631, após retornar de sua segunda viagem à Europa, Hobbes escreveu seu primeiro trabalho importante, *Pequeno tratado dos princípios primeiros*, após um novo estudo dos trabalhos de Galileu

---

<sup>1</sup> Jacoby, E.G., “Thomas Hobbes in Europe”.

<sup>2</sup> Jacoby, E.G., “Thomas Hobbes in Europe”.

<sup>3</sup> Feo, J.R., Introdução, in *De Corpore*.

Galilei, em particular, do *Diálogo*. Hobbes apreciava a geometria pela sua forma de demonstração segura e comprovada, e esse interesse, aliado a uma verdadeira revolução científica que se apresentava à sua compreensão do mundo, influenciou na construção do método científico que ele utilizou para a elaboração de sua obra filosófica.

Por ocasião de sua terceira viagem ao continente europeu, Hobbes fez contato em Paris com Marin Mersenne, que havia acabado de publicar *A mecânica de Galileu*. Existem registros que indicam ter havido nessa mesma época dois encontros entre Hobbes e Galileu. Um desses documentos levou Ferdinand Tonnies a achar provável que Hobbes tenha falado de seu projeto a Galileu, que o teria apoiado e encorajado. Segundo o próprio Tonnies, já havia em 1635 fortes indícios de que Hobbes possuía um projeto de sistema abarcando tanto uma filosofia natural como uma política.

Pacchi em uma monografia que escreveu sobre Hobbes (*Convenção e hipótese na formação da filosofia natural de Thomas Hobbes*) mostra justamente a importância de sua filosofia natural no conjunto da sua obra. Também num trabalho que fez em 1966 de levantamento e revisão dos últimos 50 anos de pesquisa sobre Hobbes (*Cinqüenta anos de estudos hobbesianos*) sustenta que as duas partes da filosofia de Hobbes, a natural e a política, têm a mesma origem e por isso devem ser estudadas como um todo e não em distintas partes.

Pelos estudos preliminares do pensamento hobbesiano, pode-se acreditar que, em primeiro lugar, Hobbes tinha algum conhecimento de geometria desde os primeiros anos de estudo na universidade e que após seus 40 anos dedicou-se a estudá-la mais profundamente, vindo a ser esta a base de seu método; em segundo lugar, como bem apontam Pacchi e Tonnies, que sua obra foi pensada desde o início como um sistema que deveria percorrer todo o conhecimento desde o estudo da natureza até o estado civil.

O *De Corpore*, primeiro livro de seu sistema, embora lançado cronologicamente depois do terceiro livro, inicia seu percurso pelo estudo dos corpos e do movimento, pois para que se possa compreender plenamente um corpo

artificial, que é o Estado, criado por homens, corpos vivos dotados de razão, é necessário antes estudar e compreender o corpo de um modo geral e seus movimentos. Para satisfazer o seu método resolutivo, ao qual Hobbes dá grande importância e parece ter sido fiel desde os primeiros escritos, é fundamental ir aos primeiros princípios da filosofia que, para ele, se encontram na física.

## **Sistema de Hobbes**

### **Método científico na teoria política de Hobbes**

Para Hobbes a razão é natural e inata em todos os homens, contudo, essa razão não se constitui de idéias inatas ou de uma substância pensamento, ela é a capacidade que todos os homens possuem de calcular as conseqüências. A falta de prática para o homem comum, bem como a falta de um bom método para o filósofo ou cientista pode levar ao cálculo incorreto, a algum tipo de engano. Encarando o raciocínio como cálculo, somente é possível conseguir bons resultados no campo da ciência quando o homem utiliza um método seguro, preciso e comprovadamente correto para os seus cálculos.

Tendo Hobbes observado as ciências de sua época, considerou que as mais corretas e com melhores resultados eram a geometria e depois dela a física por utilizar um método geométrico. Passou a acreditar que, então, se utilizasse o mesmo método dos geômetras e físicos, poderia construir em outros campos do conhecimento humano uma “pura e verdadeira filosofia”<sup>4</sup>, livre do artifício do discurso e de seus adornos brilhantes e, principalmente, fundamentada em seus elementos primeiros e mais simples.

A filosofia, para Hobbes, se constitui no “conhecimento dos efeitos ou fenômenos pelo conhecimento de suas causas ou origens e, por sua vez, das prováveis origens, pelo conhecimento dos efeitos, mediante um raciocínio correto”<sup>5</sup>. A partir da observação de um fenômeno qualquer, busca-se suas causas mais elementares, mais primitivas e, uma vez encontradas essas causas, pode-se conceber quais poderiam ser os efeitos possíveis que resultariam delas, tudo isso se valendo da razão, que para Hobbes “é o mesmo que somar e subtrair”<sup>6</sup> corretamente. A simples sensação ou memória das coisas não se constitui em

---

<sup>4</sup> DCo, I,1.

<sup>5</sup> DCo, I,2.

<sup>6</sup> DCo, I,2.

filosofia. Ainda que seja um conhecimento delas, não é ainda o conhecimento de suas causas ou possíveis efeitos.

Hobbes declara valer-se do método à moda dos geômetras para fazer suas demonstrações no campo da filosofia política. Se, como afirma Galileu, “o universo está escrito em linguagem matemática”<sup>7</sup>, para Hobbes, compreendê-lo e explicá-lo depende dessa linguagem matemática e, portanto, exige um método. A demonstração e a análise ganham, assim, caráter de fundamentação no seu sistema todo, inclusive no projeto político. Hobbes pretende que sua teoria seja fundamentada na própria análise, - daí a necessidade de ir aos primeiros princípios - e tenha sua autoridade na demonstração geométrica e não mais na palavra de outros autores. Ele pretende que sua teoria política seja irrefutável e por isso a constrói através de um método dedutivo, em oposição ao método escolástico, que se baseia em opiniões supostamente verdadeiras de filósofos antigos, como Platão, Aristóteles e Cícero, considerados autoridades, e todos aqueles que depois deles seguiram seus ensinamentos. Para Hobbes, com o passar do tempo, o uso dessas autoridades acabou prejudicando a filosofia política, visto que “não apenas os filósofos, mas o próprio vulgo vieram a tratá-la como coisa fácil, exposta e prostituída ao engenho nativo de cada um, e que supõem – hoje como antes – passível de se atingir sem maior esforço ou estudo”<sup>8</sup>.

O método hobbesiano começa por “resolver os objetos”<sup>9</sup>, que consiste numa análise do objeto de estudo em elementos distintos até encontrar aquele elemento primeiro e mais simples. A partir desse elemento, por um processo compositivo, é possível retornar ao objeto complexo final, refazendo geometricamente o percurso de análise por meio de deduções que partem desses elementos mais simples. Esse processo costuma ser chamado resolutivo-compositivo, porque primeiro resolve ou decompõe o objeto em seus elementos até encontrar o primeiro e mais simples e

---

<sup>7</sup> Feo, J.R., Introdução, in De Corpore.

<sup>8</sup> DCv, Prefácio do Autor ao Leitor, p.10.

<sup>9</sup> Ribeiro, R.J., Apresentação, in De Cive.

depois por um processo de composição e demonstração, reconstrói o objeto, que se torna agora plenamente compreendido.

Para Hobbes, o progresso em qualquer campo da filosofia somente pode ocorrer se, a exemplo do que fazem os geômetras, houver uma busca perfeita do conhecimento da verdade. Esse “conhecimento deriva de registros e relações das coisas, e se dá graças ao uso de denominações certas e definidas... no qual da contemplação das coisas particulares avançamos até inferir ou deduzir ações universais”<sup>10</sup>.

No método aplicado à teoria política é fundamental existir uma perfeita e clara definição dos termos. Daí a ênfase de Hobbes no uso da linguagem, que aparece logo no início do *Leviatã*, no capítulo V do primeiro livro, e também na primeira parte do *De Corpore*. Somente a partir de definições precisas dos termos a serem utilizados é possível demonstrar cientificamente uma teoria. “Um homem que procurar a verdade rigorosa deve lembrar-se de que coisa substitui cada palavra de que se serve, e colocá-la de acordo com isso”<sup>11</sup>, sendo o estabelecimento das significações dessas coisas por meio de nomes o que ele chama “definição”. Além dessa correspondência entre o nome e a coisa e de sua clara indicação no início da demonstração, é necessário cuidar para que haja uma correta ordenação dessas definições nas afirmações. Essa ordem é necessária para que o resultado das operações com os nomes seja correto e sua conclusão seja verdadeira.

Mas não basta que existam definições corretas e deduções geometricamente perfeitas. Para Hobbes, o resultado de qualquer ciência deve ter uma aplicação prática com vistas à melhoria da vida humana. “Toda especulação se empreende a fim de alguma ação ou obra”<sup>12</sup>, deve-se, portanto, desprezar aquela filosofia que se dedique a objetos obscuros, permaneça restrita a uma elite e não tenha aplicação para a vida dos homens. Quando escreve suas obras políticas, principalmente o *Do*

---

<sup>10</sup> DCv, Epístola Dedicatória, p.5.

<sup>11</sup> Lev, I, IV, p.26.

<sup>12</sup> DCo, I,6

*Cidadão e o Leviatã*, Hobbes tem em mente um problema concreto e contemporâneo que pretende resolver com os conhecimentos escritos em suas obras. É para a aplicação na atividade política da Inglaterra do século XVII e situações similares no futuro que ele especula sobre a filosofia moral e política. Os conhecimentos no campo da física e da geometria podem trazer uma melhoria na vida dos homens pela evolução dos meios de construção, de navegação, de fabricação de ferramentas e outras tantas coisas, assim como o conhecimento da natureza humana pode ajudar no campo da moral e política.

A teoria política de Hobbes tem em mente um problema específico e contemporâneo, mas pretende ser de aplicação universal na prática política das nações, principalmente no que tange à ordem interna, à paz entre os homens que pertencem a uma mesma nação.

Aliás, no campo da ciência política, o mais perigoso para o homem é justamente a falta de conhecimentos, por culminar na pior das calamidades, a guerra, em especial a civil, que dá origem à matança, solidão e escassez de todo tipo; “a causa da guerra civil é que se desconhecem as causas da guerra e da paz, e que há poucos que tenham aprendido os deveres com os quais a paz se afirma e se conserva, isto é, a verdadeira regra do viver”<sup>13</sup>. Aí está o principal objetivo da filosofia de Hobbes, posto sintomaticamente logo no primeiro capítulo do *De Corpore*, bem como no prefácio do *Natureza Humana*, obra bem mais antiga, mas já escrita com a intenção de desenvolver um sistema completo de filosofia, que abrangeria todo o conhecimento, desde a física e até a ciência moral e política. Fica bem claro, pela apresentação de suas intenções em diversos textos e principalmente nos dois acima citados, que toda a sua filosofia, desde os primeiros elementos de física, visava alcançar esse conhecimento fundamental para o bem viver: as regras morais para a manutenção da paz e, portanto, da vida dos homens.

---

<sup>13</sup> DCo, I,7

## Do método ao sistema

Embora muitos comentadores e escritores, até o final do século XIX e começo do XX, julgassem que a maior importância da obra de Hobbes fosse sua teoria política e o seu principal texto o *Leviatã*, com a edição do *De Corpore* em 1973, surgiu a necessidade de se rever a imagem tradicional de Hobbes e de se investigar sobre esse possível sistema pensado e possivelmente esboçado bem antes da publicação do *De Cive*.

Renato Janine Ribeiro afirma em sua apresentação ao *De Cive* que já em 1637, portanto cinco anos antes da sua publicação, Hobbes havia elaborado “o plano de seu sistema de filosofia; o Corpo, o Homem e o Cidadão”; também na concepção de Jacoby, em artigo de 1974<sup>14</sup>, o *De Cive* aparece como a terceira parte desse sistema cujo ponto de partida é a filosofia natural. Há grande discussão entre os estudiosos de Hobbes a respeito de ser ele ou não um filósofo sistemático, ou seja, de existir de fato o sistema proclamado por ele mesmo e do qual o *Do Cidadão* seria a terceira parte. A esse respeito, Gray<sup>15</sup> lembra que Hobbes, ao apresentar resumidamente a psicologia do homem no *Leviatã*, obra que não faz parte de seu sistema, diz já ter tratado “largamente sobre o assunto em outro lugar”<sup>16</sup>, sem esclarecer, no entanto, claramente em que texto seu (publicado ou não) essa questão se encontraria mais detalhadamente apresentada. Gray acredita ser isso uma evidência de que Hobbes estava trabalhando no *De Corpore* em 1640, sendo, portanto, perfeitamente plausível que ele esperasse ser sua publicação precedente à do *Leviatã*, bem como já havia sido precedida pela circulação (em 1640) e publicação (em 1650) dos *Elementos da lei natural e política* (que inclui o *Natureza Humana*). Esse fato, juntamente com a clara indicação do próprio Hobbes no *De Cive*<sup>17</sup>, publicado em 1642, de que o projeto continha três partes, senão escritas, pelos menos ideadas, corrobora a possível existência de um sistema.

---

<sup>14</sup> Jacoby, E.G., “Thomas Hobbes in Europe”.

<sup>15</sup> Gray, R., Hobbes’s System and His Early Philosophical Views.

<sup>16</sup> Lev, I, I, p.13.

<sup>17</sup> DCv, Prefácio do Autor ao Leitor.

Gray não só acredita que o sistema filosófico de Hobbes foi previamente planejado, como também o considera deveras interessante por pretender abarcar todo conhecimento a partir do estudo do movimento. A filosofia deve se fundamentar em princípios primeiros; para Hobbes, esse conhecimento é o que o homem tem, ou pode ter, a partir do estudo da natureza dos corpos e seus movimentos. Hobbes acredita que a natureza e a psicologia do homem podem ser conhecidas e explicadas em termos de movimento, e que, se o movimento serve para explicar a natureza e a psicologia do homem, também servirá para explicar o que deriva ou depende dela, a moral e a política.

Gray menciona uma opinião interessante de Frithiof Brandt relativa tanto ao método como ao sistema de Hobbes. Brandt mostra que no primeiro trabalho escrito por Hobbes, *O pequeno tratado dos princípios primeiros*, já havia uma clara evidência de que esse cálculo mecanicista se aplicava também à questão sobre o bem e o mal. Nessa obra, que ele chama de “uma pequena obra prima da forma dedutiva”<sup>18</sup>, o problema central era o cálculo mecanicista do ato da sensação que se relaciona com a questão do apetite, mas chega a alcançar alguma moral na medida em que a razão humana já pode classificar de bom aquilo que deseja e de mau aquilo que lhe causa repulsa.

Existem, contudo, autores, como George Croom Robertson, Leo Strauss, A.E.Taylor e Howard Warrender, para os quais, apesar do que alega o próprio Hobbes, ele não constituiu nenhum sistema. Eles empregam um argumento retirado do prefácio ao *De Cive* no qual Hobbes, falando a respeito de ter escrito essa assim chamada de terceira parte do sistema antes das outras duas, diz que “o que era o último na ordem veio a lume primeiro no tempo, e isso porque vi que esta parte, fundada em seus próprios princípios suficientemente conhecidos pela experiência, não precisaria das partes anteriores”<sup>19</sup>. Essa afirmação de Hobbes, feita após apresentar seu projeto de sistema e as condições que o levaram a escrever uma última parte antes das demais, foi tomada por muitos como admissão de que a sua

---

<sup>18</sup> Gray, R., *Hobbes's System and His Early Philosophical Views*.

<sup>19</sup> DCv, Prefácio do Autor ao Leitor, p.18.

filosofia moral estava de fato fundada, não numa metafísica ou física mecânica que precederiam o *De Cive*, mas na experiência, na observação dos homens e seus hábitos.

A própria ênfase que Hobbes coloca na ordem de demonstração levantou, segundo Gray, outra objeção bastante relevante. Essa objeção, atribuída a Hume, faz crer que “um sistema tal como aquele que Hobbes supõe ter inventado é logicamente impossível”<sup>20</sup>, pois em sua exposição no *The elements of philosophy* Hobbes termina numa teoria moral e política com afirmações sobre o que se deve e o que não se deve fazer, a qual começa, no entanto, numa metafísica com afirmações sobre o que é e o que não é cada coisa. No entendimento de Hume, de um tal conjunto de afirmações não se pode deduzir logicamente o outro, ou seja, da definição do que é cada coisa não se pode deduzir o que deve ser feito.

Gray elenca entre os opositores da idéia de sistema J. W. N. Watkins, que, no entanto, acredita que a filosofia de Hobbes se constitua num sistema por resultar ela da aplicação de um método mecanicista a grupos de problemas. Na verdade a oposição de Watkins diz respeito à condução do pensamento e suas deduções. Ele se sente compelido a defender a posição de que, a despeito do que o próprio Hobbes possa declarar, a lei natural não é realmente lei moral, ela é mais uma prescrição, uma orientação que o homem deve seguir se quiser viver bem e que, portanto a ciência política não pode ser deduzida da ciência natural.

Tendo-se observado as diversas opiniões, algumas contrárias e outras favoráveis, de comentadores sobre a questão da existência ou não de um sistema em Hobbes conclui-se, neste trabalho, que há sim um sistema e, mais ainda, que o sistema decorre do método geométrico adotado por Hobbes. N’*O pequeno tratado dos princípios primeiros* já havia indícios de que o movimento da sensação conduziria a um cálculo sobre a moral. Na medida em que as paixões determinam a ação em direção ao que cada homem julga ser bom para si mesmo, pode-se afirmar que o movimento dos corpos externos sobre o homem, bem como seus movimentos internos que levam à ação são a base para o surgimento de uma filosofia moral.

Essa moral vai se estabelecer mais tarde sobre o funcionamento mecânico do homem como um corpo dentro do universo.

Aqueles que sustentam a inexistência de um sistema por causa do argumento segundo o qual o próprio Hobbes afirma poder a terceira parte de seu sistema (*De Cive*) ser compreendida independentemente das demais, esquecem que no mesmo prefácio o autor apresenta seu projeto de sistema e o motivo por que inverte a ordem de publicação. Além disso, o sistema hobbesiano é de tal natureza que poderia acontecer, sem nenhuma incoerência, que a terceira parte de seus escritos estivesse sistematicamente relacionada com as partes precedentes ao mesmo tempo em que ela se sustentaria em seus próprios fundamentos comprováveis pela observação e experiência. Assim, embora a terceira parte esteja ligada às demais e decorra delas, ela pode ser apresentada sozinha e demonstrada a partir de experiências e observações.

Pode-se também discordar da objeção de Hume se se considerar que Hobbes busca, através de seu método resolutivo-compositivo, ir ao elemento mais simples da natureza, que é, segundo ele, o corpo e seu movimento, para, então, buscar entender o funcionamento desse corpo e sua relação com os outros corpos, passando para a compreensão do homem. Este, por sua vez, se constitui num corpo dotado de paixão e razão, as quais são movimentos do corpo humano causados por outros corpos que se encontram no exterior. Da compreensão dos movimentos que causam ou possibilitam a existência da paixão e razão naturais pode-se compreender como o homem funciona. Tendo-se o conhecimento sobre o funcionamento da máquina humana é possível saber como ela age na relação com os outros e com o Estado. Pela compreensão do funcionamento mecânico do corpo e suas ações pode-se estabelecer o que deve ser feito ou que é melhor para que cada homem viva bem, isto é, pode-se criar leis civis que regulem o modo de agir dos homens na relação com os outros para sua própria preservação e manutenção da paz na sociedade civil organizada a que pertencem.

---

<sup>20</sup> Gray, R., Hobbes's System and His Early Philosophical Views.

Quanto à objeção de Watkins, cabe esclarecer que Hobbes não considerava a lei natural como uma lei moral. Ele mesmo diz que no estado de natureza prevalece o direito natural do homem a todas as coisas, enquanto a lei natural “é o ditame da reta razão no tocante àquelas coisas que, na medida de nossas capacidades, devemos fazer, ou omitir, a fim de assegurar a conservação da vida e das partes do nosso corpo”<sup>21</sup>. A lei natural não é, portanto, por si só uma lei moral que diga quais atos humanos são bons ou maus, justos ou injustos, pois “no estado de natureza, para todos é legal ter tudo e tudo cometer”<sup>22</sup>. A lei natural é na verdade um cálculo correto da razão comum a todo homem, o qual, uma vez compreendido, ajuda a entender como e por que o homem age e quais leis devem ser criadas num estado civil para favorecer ou reprimir os atos humanos que sejam de interesse do Estado e de cada um. Enfim, a lei de natureza é o fundamento que permite criar, compreender e obedecer as leis morais e civis num estado civil artificial.

O próprio método hobbesiano explica e justifica a existência, mais ainda, a necessidade de um sistema que vá desde a física até a política, passando pela análise do comportamento humano. Para Hobbes é necessário ir às causas primeiras de todas as coisas para poder entender os efeitos, mais do que isso, para poder criar efeitos desejados a partir de causas conhecidas. Assim, pelo conhecimento das leis de natureza, dos corpos e a função do movimento na relação entre eles, pode-se conhecer o funcionamento da máquina humana, suas faculdades e suas ações, e a partir desse conhecimento pode-se construir o homem artificial que é o Estado.

O sistema foi gerado e é uma decorrência lógica do próprio método. De fato, Hobbes busca, por um processo decompositivo ou resolutivo, os primeiros princípios que permitirão encontrar e demonstrar solidamente a forma perfeita e correta de um estado civil adequado para os homens e de acordo com suas características. Uma vez compreendida a física, os corpos e acidentes, o que são e como funcionam os movimentos nesses corpos, pode-se compreender o

---

<sup>21</sup> DCv, I, II, 1.

<sup>22</sup> DCv, I, I, 10.

funcionamento do homem como um corpo natural. Por meio do conhecimento das leis de natureza, pode-se determinar como deve ser o homem artificial, o estado civil, no qual cada homem pode encontrar os meios e condições necessárias para a manutenção de sua vida, desde que se conduza segundo o que determina a lei do Estado.

Por tudo isso, parece claro que Hobbes possuía a intenção prévia e bem pensada, senão já um projeto consistentemente ideado, de um sistema filosófico abrangendo desde as causas primeiras até o estado civil. Segundo esse sistema, a investigação científica inicia pelo estudo da física, do movimento dos corpos (*De Corpore*), passa depois ao estudo do homem, numa espécie de psicologia que compreende a razão e as paixões humanas (*De Homine*), e termina no Estado, sua formação e manutenção (*De Cive*). Esse curso não foi seguido fielmente na escrita e publicação de suas obras porque os conflitos internos e ameaça de guerra civil que assolavam a Inglaterra naquela época levaram Hobbes a antecipar a terceira parte de seu sistema, interrompendo assim a ordem metodológica que ele havia previamente concebido.

## Capítulo II

### Aspectos da física hobbesiana

Muito embora Hobbes seja um teórico político de reconhecida importância, como já foi visto até aqui, é o seu estudo sobre a natureza humana que será abordado neste trabalho, visto ser o conhecimento dela a base de sua ciência política. Na introdução do *Leviatã* ele afirma que “aquele que vai governar uma nação inteira deve ler, em si mesmo, não este ou aquele indivíduo em particular, mas o gênero humano”<sup>23</sup>. Apresenta em seguida seu trabalho da seguinte forma: “depois de eu ter exposto claramente e de maneira ordenada minha própria leitura, o trabalho que a outros caberá será apenas verificar se não encontram o mesmo por si próprios”<sup>24</sup>.

Hobbes fundamenta sua teoria no estudo da natureza humana pela observação de si mesmo e de cada homem, bem como pela busca do conhecimento das causas primeiras de todos os efeitos, que são os corpos e seus acidentes, dentre os quais o mais importante, que é o movimento. A partir da observação dos efeitos, neste caso o comportamento de cada homem, investiga suas causas, o funcionamento da máquina humana, que ele afirma ser igual para todos: “refiro-me à semelhança das paixões, que são as mesmas em todos os homens, desejo, medo, esperança, etc., e não à semelhança dos objetos das paixões, que são as coisas desejadas, temidas, esperadas, etc.”<sup>25</sup>. Uma vez compreendido o funcionamento do homem, como ele percebe o mundo pela sensação e como operam sua razão e paixão a partir dessa percepção, compreende-se também como é possível criar o homem artificial, ou o Estado, segundo o mesmo movimento e funcionamento que rege o homem.

---

<sup>23</sup> Lev, Introdução do autor

<sup>24</sup> Lev, Introdução do autor

<sup>25</sup> Lev, Introdução do autor

Já no *Natureza Humana*<sup>26</sup>, escrito 11 anos antes do *Leviatã*, a intenção de fundamentar a teoria política no conhecimento da natureza humana aparece logo no prefácio: “a explicação clara e verdadeira dos elementos das leis, naturais e políticas, que é o meu presente objetivo, depende do conhecimento do que é a natureza humana, do que é um corpo político e do que chamamos lei”<sup>27</sup>.

Em seu trabalho sobre a natureza humana, Hobbes fala do homem como sendo “a soma de todas as suas faculdades, de nutrição, de movimento, de geração, de sensação, de razão, etc”<sup>28</sup>. Não existe, para Hobbes, uma alma, espírito ou substância pensamento separada do corpo ou regida por uma força, ou poder, diferente da que rege o corpo. Para ele só existe o corpo constituído por faculdades, algumas ligadas aos atos físicos, outras ligadas às atividades mentais; mas mente deve ser entendida aí como uma das partes do corpo, assim como os órgãos dos sentidos são igualmente uma parte do corpo e têm uma importância fundamental na constituição da razão e paixão, estas também faculdades e funções do corpo humano.

Como as faculdades ligadas à mente são o que diferencia os homens dos outros animais, dando a eles o título de racionais, é a esta parte que Hobbes dedica-se primeiramente e também é a parte que mais interessa a este trabalho por mais diretamente se ligar à possibilidade de o homem viver num estado civil organizado. Dentre as faculdades da mente, Hobbes trata primeiro do poder cognitivo, ou, como ele mesmo chama, poder imaginativo ou conceptivo. Todo homem tem a faculdade cognitiva, por isso, todo homem pode alcançar o conhecimento das coisas que estão no mundo. O conhecimento cognitivo é composto pelas “imagens mentais e representações das qualidades das coisas fora de nós”<sup>29</sup>, enquanto o poder cognitivo é “a faculdade, ou o poder, pelo qual somos

---

<sup>26</sup> O *Elementos da lei Natural e Política* circulou como manuscrito; foi publicado em 1650 em duas partes sem a permissão de Hobbes, como *Natureza humana* e *De corpore político*, conforme consta no *Dicionário de Hobbes*, de A.P.Martinich, 1995.

<sup>27</sup> NH, Prefácio

<sup>28</sup> NH, I, 4

<sup>29</sup> NH, I, 8

capazes desse conhecimento”<sup>30</sup>. A mente não é o conhecimento nem possui o conhecimento; ela tem o poder ou a faculdade de conhecer; ela está preparada e tem as condições adequadas de conhecer, mas não gera o conhecimento por si só.

No *Leviatã*, Hobbes afirma que “não há nenhuma concepção no espírito do homem, que primeiro não tenha sido originada, total ou parcialmente, nos órgãos dos sentidos”<sup>31</sup> e na *Natureza Humana* diz que “originariamente, todas as concepções procedem das ações da própria coisa de onde procede a concepção”<sup>32</sup>. Assim, todo conhecimento ou toda cognição depende da percepção e da concepção dos objetos existentes no mundo, e a concepção depende dos órgãos sensíveis para alcançar a coisa percebida.

Hobbes sustenta, ainda, que as qualidades percebidas não estão na coisa mesma, estão naquele que as percebe, na sua mente, e são causadas por um movimento que se inicia no objeto e, entrando pelos órgãos dos sentidos, repercute no corpo através dos nervos em direção ao cérebro. Hobbes chega a afirmar que tudo o que se percebe no mundo são movimentos através dos quais os sentidos, que percebem esses movimentos, criam na mente aparições ou imagens dos acidentes ou qualidades que são atribuídas aos objetos. Visto que, para Hobbes, tudo o que existe na mente depende da sensação e a sensação é causada única e exclusivamente pelo movimento, é fundamental, para compreender a obra hobbesiana, estudar o que ele entende por movimento e como este atua no mundo e no corpo do homem.

Os conceitos básicos que fundamentam o *De Corpore*, de 1655, já estavam enunciados, pelo menos em parte, no *pequeno tratado sobre os primeiros princípios*, escrito em 1631. Neste, a seção II apresenta “uma teoria geral do movimento dos corpos entre si”<sup>33</sup> e a seção III trata da forma como “os objetos externos (corpos) são apreendidos pelos Espíritos Animais (ou sujeitos do

---

<sup>30</sup> NH, I, 8

<sup>31</sup> Lev, I, I

<sup>32</sup> NH, II, 2

<sup>33</sup> Lopes, J.A., Introdução, in *Natureza humana*.

conhecimento, como Hobbes os conceituará mais tarde)”<sup>34</sup>. Também nos *Elementos da lei natural e política*, na primeira parte, já se percebe a importância e o papel do movimento no funcionamento da máquina humana e no entendimento que os homens alcançam das coisas existentes.

Para o objetivo deste trabalho, é indispensável o estudo de alguns conceitos básicos da física hobbesiana, a saber, a noção geral de corpo e objeto e suas principais qualidades, em relação à percepção humana dos corpos exteriores, a magnitude e movimento. As concepções resultantes da percepção constituem no homem o princípio da ação e a fonte do conhecimento.

## O Corpo

Sendo a cognição, ou concepção, a representação mental das qualidades de objetos que estão fora da mente, o conhecimento depende desses objetos, mas suas qualidades e as concepções com as quais são pensados existem somente na mente do homem. “Os efeitos e os fenômenos são faculdades ou potências dos corpos pelos quais distinguimos uns dos outros”<sup>35</sup>, diz Hobbes. Os efeitos e fenômenos são, portanto, propriedades dos corpos, são elementos que compõem os corpos. Somando ou subtraindo uma propriedade à outra, pode-se determinar as causas desses efeitos, bem como conhecidas as causas de determinado fenômeno, pode-se, mediante cálculo, determinar que efeitos podem ser obtidos a partir delas. Nisso se constitui o objeto da filosofia: “que possamos utilizar os efeitos previstos para nossa conveniência, ou que, uma vez conhecidos esses efeitos na mente pela aplicação de uns corpos a outros, se produzam efeitos similares na medida em que a força humana e a matéria das coisas o permitam, mediante o trabalho dos homens, para o uso da vida humana”<sup>36</sup>.

---

<sup>34</sup> Lopes, J.A., Introdução. in *Natureza humana*.

<sup>35</sup> DCo, I,4

<sup>36</sup> DCo, I,6

Antes de falar sobre as qualidades que se podem apreender dos corpos, é preciso esclarecer em que consiste um corpo. Basicamente, para Hobbes, corpo é algo que ocupa um espaço e cuja existência não depende do pensamento humano. “A palavra corpo, em sua acepção mais geral, significa o que preenche ou ocupa um determinado espaço ou um lugar imaginado, que não dependa da imaginação, mas que seja uma parte real do que chamamos universo”<sup>37</sup>; assim, corpo se identifica com uma ocupação espacial do mundo real. O mundo real ou universo que Hobbes menciona não se acha por ele definido, explicado ou demonstrado, mas isso não é realmente necessário, pois ele não duvida das sensações, pelo contrário, acredita haver “continuamente nas nossas mentes certas imagens ou concepções das coisas fora de nós”<sup>38</sup>. Ver-se-á, quando for tratada a origem da sensação, que deve existir necessariamente um objeto no mundo real para que a mente possa percebê-lo, e, se existe na mente uma imagem desse objeto, então, ele existe fora dela.

## Os Acidentes

Na teoria hobbesiana, o fundamental para que o homem possa perceber um objeto são seus acidentes, pois as concepções que se tem são “concepções de diversas qualidades dos objetos”<sup>39</sup>; que Hobbes define como “um modo de conceber um corpo”<sup>40</sup>. Todos os corpos possuem diversos acidentes que os diferenciam entre si e permitem que o sujeito os perceba; eles são o modo, ou o meio, pelo qual se concebe um objeto.

O acidente não é um corpo, nem mesmo é parte dele, mas está nele de alguma forma. “Dizer que o acidente está no corpo não deve ser entendido como se

---

<sup>37</sup> Lev, III, XXXIV, 2

<sup>38</sup> NH, 1, 8

<sup>39</sup> NH, 2, 3

<sup>40</sup> DCo, VIII, 2

fosse algo contido no corpo, por exemplo, como se o vermelho estivesse contido no sangue da mesma forma como o sangue está contido num vestido ensangüentado”<sup>41</sup>. A relação do acidente com o corpo é um tipo de pertencimento daquele a este, mas não como um contendo o outro. Pode-se pensar no seguinte exemplo: num jarro com água, a água não é acidente do jarro, da mesma forma que o jarro não é um acidente da água, senão que são dois corpos e um deles contém o outro; mas quando se fala da dureza ou da transparência de um jarro de vidro, esses aspectos ou aparências são acidentes dele, que permitem percebê-lo como um objeto duro e transparente, mas o jarro não contém em si mesmo “a dureza” ou “a transparência”, apenas tem delas a qualidade.

Embora existam muitos e diversos acidentes nos corpos que podem ser percebidos pela mente humana, este estudo se limitará aos acidentes da magnitude e do movimento, por acreditar que estes são os mais importantes para a teoria da concepção humana em Hobbes.

## **Magnitude**

Numa hipótese de aniquilação do universo<sup>42</sup>, Hobbes pensa que ao homem (o único que foi excluído dessa aniquilação) restariam as idéias daquele mundo que havia antes contemplado e percebido por seus sentidos, restariam “a memória e a imaginação das magnitudes, dos movimentos, dos sons, das cores, etc, assim como de sua ordem e suas partes”<sup>43</sup>. Hobbes diz ainda que “se recordamos ou temos fantasmas de alguma coisa que havia existido antes dessa suposta desapareição das coisas externas, e não queremos considerar como era essa coisa senão que existia fora da mente, teremos o que se chama espaço, imaginário é claro, porque se trata

---

<sup>41</sup> DCo, II, VIII, 3

<sup>42</sup> A hipótese da aniquilação do universo que aparece na *De Corpore* abrindo a segunda parte da obra, a *Filosofia Primeira*, VII, já está no princípio de sua teoria sobre a concepção na *Natureza humana*, Cap. 1.

<sup>43</sup> DCo, II, VII, 1

de um mero fantasma”<sup>44</sup>. Quando se considera na memória que as coisas existem fora da mente, ainda que todas elas tenham sido aniquiladas, concebe-se, a partir da imagem de sua magnitude que ficou na mente, a idéia de espaço, ainda que esse espaço não esteja ocupado nesse momento pelo objeto, “porque ninguém chama assim ao espaço porque ele esteja ocupado senão porque ele pode estar”<sup>45</sup>. Portanto, a concepção de espaço forma-se a partir da imagem que se guarda da magnitude do objeto. Na mente do homem fica claro que essa imagem foi causada pela percepção de um objeto que existia fora da mente. Este espaço é imaginado e só existe na mente, visto ser ele uma representação da magnitude do corpo percebido.

Corpo é extensão ou magnitude, ou seja, aquilo que ocupa um espaço no universo real. Esse ocupar espaço, essa forma e essa extensão permanecem sempre e são a essência do corpo, enquanto os acidentes se alteram por produção ou por destruição, ou seja, mudam, aparecem ora num ora noutra corpo e no mesmo corpo podem sofrer mudanças. “Todos os demais acidentes, exceto a magnitude ou a extensão, se podem gerar e destruir, como quando algo branco se torna negro, a brancura que era deixa de ser, e o negrume que não era se gera”<sup>46</sup>. Considere-se um objeto cuja cor com o tempo se desbota pela ação do sol, como, por exemplo, uma cortina. Ela ainda é a mesma cortina, porém o acidente cor sofreu mudança. Uma vez que a cortina seja tingida para que volte a ter a cor original ela permanece cortina. O mesmo ocorre no caso de um bule que está cheio de café e sua matéria está quente por causa do conteúdo, ele é o mesmo bule vazio e frio guardado no armário. Em ambos os casos não houve destruição ou alteração da extensão ou magnitude dos objetos, por isso permanecem sendo os mesmos objetos, apenas com alguma característica alterada, a cor ou a temperatura.

No entanto, se a cortina, ao invés de perder a cor, for cortada em pedaços ou se o bule, ao invés de aquecido tiver o seu bico serrado, sua magnitude será

---

<sup>44</sup> DCo, II, VII, 2

<sup>45</sup> DCo, II, VII, 2

<sup>46</sup> DCo, VIII, 20

destruída ou alterada significativamente. O bule não será mais exatamente o mesmo objeto como era antes, embora se possa pensar nele como um bule defeituoso. Já no caso da cortina, sequer é mais uma cortina, apenas pedaços de pano, perdeu completamente sua magnitude e extensão. A magnitude é um dos principais acidentes do corpo, pode-se mesmo dizer que é sua essência; uma vez perdido esse atributo, perde-se completamente a qualidade do objeto que lhe dá o nome, pois não se chama mais de cortina a pedaços de pano, nem a bule uma vasilha sem bico.

A magnitude ou extensão é fundamental para a percepção de um corpo, pois é através dela que os sentidos podem conceber sua forma e o espaço ocupados por ele no mundo real. Hobbes define espaço como “a imagem da coisa existente como existente, isto é, sem considerar nenhum outro acidente da coisa além do fato de se apresentar fora daquele que imagina”<sup>47</sup>. Quando se está tratando das coisas que foram aniquiladas e não existem mais, pode-se conceber o espaço que estava ocupado por elas e que é, portanto, uma representação na mente. Porém, quando se trata de um objeto imóvel diante dos olhos de quem percebe, esse espaço imaginado pela mente coincide com o espaço real<sup>48</sup> ocupado pelo objeto, e a isso se chama lugar. Lugar é o espaço que o corpo ocupa no universo enquanto ele o ocupa. Um lugar que é ocupado ora por um objeto, ora por outro, não pode ser uma extensão ou acidente de algum objeto, nem mesmo daquele que o ocupa naquele momento, ou seja, o lugar não é um acidente do corpo, mas sim a representação do espaço que ele ocupa enquanto o ocupa.

---

<sup>47</sup> DCo, II, VII, 2

<sup>48</sup> A extensão de um corpo é o mesmo que sua magnitude, ou o que alguns chamam de espaço real. *De Corpore* II, VIII, 4

## **Movimento**

Além de sua magnitude, um corpo que ocupa ora um espaço, ora outro é percebido pela mente também através do movimento, que é a outra qualidade ou acidente fundamental para que o homem possa perceber os objetos existentes no universo. “O movimento é o contínuo abandono de um lugar e a aquisição de outro”<sup>49</sup>, ou seja, é o deslocamento de um corpo de um lugar a outro através dos espaços. Dos corpos que não abandonam o seu lugar por algum tempo, diz-se que estão em repouso.

A idéia de um corpo em movimento que passa de um espaço a outro é o que se chama tempo. Assim como o espaço, o tempo não está na coisa mesma, como um acidente; o tempo é uma concepção na imaginação humana. “O tempo é a imaginação do movimento na medida em que, no movimento, imaginamos o antes e o depois, ou a sucessão”<sup>50</sup>. Hobbes diz ainda que o tempo pode ser numerado pelo homem para o que ele se utiliza dos movimentos, de modo que uma determinada quantidade de movimento representa na mente uma determinada quantidade de tempo. Portanto, além de permitir a percepção dos corpos, esse acidente chamado movimento também possibilita ao homem ter a noção do antes, do agora e do depois, noções essas básicas para o raciocínio.

## **Corpo externo movido e contíguo**

O movimento não é, porém, algo causado por si mesmo, ou auto gerado no objeto que se move. Hobbes apresenta assim sua teoria sobre a origem do movimento: “suponhamos que existe um corpo finito em repouso, de tal forma que o resto do espaço se suponha vazio; se esse corpo começa a mover-se, o fará por

---

<sup>49</sup> Dco, II, VIII, 10

<sup>50</sup> DCo, II, VII, 3

um determinado caminho, e como tudo o que havia nesse corpo o dispunha ao repouso, a razão por que se move por esse caminho estará fora dele”<sup>51</sup>. Da mesma forma “também se entende que o que se move, se move sempre a não ser que haja algo fora dele pelo qual se ponha em repouso”<sup>52</sup>, sendo assim, o repouso também é uma qualidade do objeto constituindo-se num impedimento de movimento.

Então, a causa do movimento, ou do repouso de um corpo está em algo fora dele mesmo. Esse algo é também um corpo e como tal possui acidentes, “portanto a causa de todos os efeitos consiste em certos acidentes dos agentes e do paciente”<sup>53</sup>. Logo, um corpo que, mesmo tocando outro corpo, estiver em repouso, não pode gerar nos outros corpos nenhum movimento. Somente se um corpo se move é que ele pode gerar movimento em outros corpos quando os tocar, com se vê neste exemplo do próprio Hobbes sobre a comunicação de movimento de um corpo a outro:

“... o movimento pelo qual o fogo age é dilatação e contração alternada de si mesmo, que comumente se chama de cintilação ou brilho. Desse movimento no fogo deve surgir necessariamente, como procedente dele, uma rejeição ou arremesso daquela parte do *medium* que lhe é contígua, o que faz com que esta parte também rejeite a seguinte; e assim sucessivamente cada parte bate na outra até chegar ao olho”<sup>54</sup>.

Assim, um corpo em movimento, o fogo no exemplo acima, comunica esse movimento ao corpo imediatamente contíguo a ele. Mesmo que esse corpo contíguo esteja em repouso, ele será movido pelo corpo em movimento que o tocou; caso o corpo já estivesse em movimento, teria seu movimento atual e sua direção alterados pelo outro corpo que o tocou. Resumindo: “a causa imediatamente eficiente de todo movimento (ao qual precedeu um repouso) está em outro corpo contínuo e movido”<sup>55</sup>.

---

<sup>51</sup> DCo, II, VIII, 19

<sup>52</sup> DCo, II, VIII, 19

<sup>53</sup> DCo, II, IX, 3

<sup>54</sup> NH, 2, 8

<sup>55</sup> DCo, III, XV, 1

## Capítulo III

### Não existe vazio entre os corpos

Neste capítulo se apresentará como esses acidentes, magnitude e movimento, atuando sobre o corpo do homem, mais precisamente sobre seus órgãos sensoriais, possibilitam a percepção das coisas e como tais percepções dão origem às concepções em sua mente.

Como já foi visto, o movimento num corpo somente pode ser provocado por outro corpo em movimento. Poderia não haver nenhum movimento se determinado corpo não fosse tocado por algum outro, nesse caso, aquele corpo estaria num repouso sem fim. Sendo o universo “o agregado de todos os corpos, não há nenhuma de suas partes reais que não seja também corpo, nem há coisa alguma que seja propriamente um corpo e não seja também parte desse agregado de todos os corpos”<sup>56</sup>; todas as partes que compõem o universo são corpos e não existe vazio entre eles. Todos os corpos estão em contato uns com os outros.

Para demonstrar a impossibilidade do vazio na natureza, Hobbes nos apresenta a experiência bem conhecida, da vasilha com boca estreita, cujo fundo possui inúmeros furinhos e a qual se enche de água<sup>57</sup>. Tendo-se tampado a boca da vasilha a água deixa de sair, pois não existe local por onde o ar possa entrar para ocupar o lugar dessa água no interior da vasilha. Se a água continuasse a sair sem que o ar entrasse, criar-se-ia um vazio dentro da vasilha, mas isso não acontece porque o vazio é impossível. Como a todo corpo sempre há outro contíguo e como o movimento de um corpo sempre se dá a partir do movimento de outro corpo, fica demonstrado que sempre existe um meio pelo qual um corpo pode gerar movimento em outro.

---

<sup>56</sup> Lev, III, XXXIV,

<sup>57</sup> DCo, III, XXVI, 2.

Tomando-se agora as premissas da física hobbesiana segundo as quais “ao cessar o motor não é necessário que cesse o móvel”<sup>58</sup> e “tudo o que se move continuará com a mesma velocidade e pelo mesmo caminho a não ser que seja impedido por um corpo contíguo e movido”<sup>59</sup>, sendo que o movimento desse corpo não se pode extinguir “totalmente num só instante, mas apenas com o tempo e gradualmente”<sup>60</sup>, tem-se como supor que todos os corpos de certa forma estão em movimento. Sabe-se que existem certos corpos no universo que possuem movimento próprio, como os rios, os ventos e a própria Terra que gira e se desloca; alguns têm até mesmo movimentos voluntários, como os homens e os animais. Esses corpos, sendo partes do agregado de todos os corpos que compõem o universo, no qual não existe vazio, geram movimentos que afetam outros corpos. Esses movimentos tendem a permanecer e, mesmo que sejam dificultados por outros movimentos ou corpos, diminuirão de forma gradualmente até o repouso, ou até que outros corpos movidos gerem novos movimentos.

## **Conato**

Dado que existem muitos movimentos no mundo, é certo que um corpo jamais retorna ao repouso absoluto, pois sempre entrará em contato com movimentos existentes e atuantes em outros corpos. Assim, se algum dia houve um corpo em movimento, esse corpo permanece desse modo, tocando outros corpos que passam também a se mover. Há sempre movimento naquele primeiro corpo, bem como, em todos os corpos, visto que o movimento uma vez iniciado não cessa e mesmo que seja retardado por outro corpo não cessa completamente e de uma só vez. Há sempre algum movimento no corpo que foi uma vez movido, mesmo que esse movimento não seja facilmente perceptível. A esse movimento praticamente

---

<sup>58</sup> DCo, III, XV, 3

<sup>59</sup> DCo, III, XV, 1

<sup>60</sup> Lev, II, 2

imperceptível Hobbes chama de conato (*endeavour*); “o movimento feito no menor espaço e tempo que pode ser dado; isto é, o menor que pode ser determinado ou designado por exposição ou número, ou seja, o movimento feito através do comprimento de um ponto, e em um instante ou ponto do tempo”<sup>61</sup>.

Nos objetos em movimento espacial, como num homem que caminha, numa planta que se agita ao vento ou num pássaro que voa, é relativamente fácil pensar que o movimento daqueles objetos atingiu nossos órgãos sensores e causou em nós uma sensação. No entanto, quando pensamos nos objetos parados, como explicar que algum movimento partiu deles e permitiu que o órgão sensor os percebesse?

O ponto e o instante são considerados o menor espaço e tempo dados. “Não se entende por ponto algo que não tem quantidade, ou o que não pode se dividir (já que na natureza não existe nada dessa espécie), senão aquilo cuja quantidade não se considera, aquilo do qual nem a quantidade nem parte alguma conta na demonstração; de tal forma que um ponto não se tem por indivisível senão por não dividido. De igual maneira tampouco o instante se há de tomar por um tempo indivisível senão por não dividido”<sup>62</sup>. Portanto, quando Hobbes afirma que conato é “o movimento feito através do comprimento de ponto e em um instante”, isso significa que conato, embora seja um movimento mínimo e imperceptível, é real e atual, efetuado pelo corpo ou no corpo. “Um espaço nunca é tão pequeno que aquilo que seja movido num espaço maior, do qual o espaço pequeno faz parte, não deva primeiro ser movido neste último”<sup>63</sup>. Mesmo nos movimentos visíveis e obviamente percebidos, existem pequenos e imperceptíveis movimentos que compõem o movimento total. Esses pequenos movimentos, ou conatos, existem em todos os corpos, inclusive no corpo humano.

Conato não é para Hobbes uma inclinação ao movimento, como uma potencialidade, mas “uma determinação de um movimento atual”<sup>64</sup>, presente e atuante no objeto. Esse movimento, presente em suas partes internas e sempre

---

<sup>61</sup> DCo, III, XV, 2, pg.168

<sup>62</sup> DCo, III, XV, 2

<sup>63</sup> Lev, I, VI, 1

atual, pode ser dificultado ou modificado por um ou mais obstáculos, mas nunca deixa de existir, pois cada obstáculo pode alterar a direção e a velocidade do movimento sem, contudo, extingui-lo completamente. Dentro do conceito hobbesiano de universo como um agregado de corpos, sempre haverá um corpo contíguo e movido que afetará o movimento de outros corpos e, assim, um ou mais conatos sempre estarão atuando num corpo.

Três aspectos fundamentais na definição de conato precisam ser abordados a fim de se verificar como o conato opera na percepção humana: ímpeto, resistência e pressão.

Sendo o conato um movimento, ele tem velocidade e, nesse sentido, “ímpeto não é outra coisa que a quantidade ou a velocidade do próprio conato”<sup>65</sup>, ou seja, a quantidade de espaço percorrida num determinado tempo, e, em se tratando de conato, esse espaço e esse tempo são muito pequenos. Porém, mesmo sendo difícil pensá-lo, ele existe no corpo e permite a percepção desse corpo pelos nossos sentidos.

Quando um corpo em movimento toca outro, ocorre uma pressão mútua entre eles. Um corpo pressionado por outro pode ser deslocado, dependendo da força<sup>66</sup> e velocidade deste último; mesmo quando não é deslocado, o que está sob pressão tem suas partes internas, ou algumas delas, movidas. Lembrando que em todo corpo sempre há algum movimento interno, por pequeno que seja, essa pressão causa, além de um eventual deslocamento, uma alteração no sentido e velocidade do movimento que já havia no corpo pressionado. Uma vez removida a pressão sobre o corpo, “suas partes movidas voltam cada uma a seu lugar pela própria constituição interna do corpo”, gerando-se, assim, um novo movimento.<sup>67</sup>

Outro aspecto importante e que vai ter papel fundamental na sensação é a resistência; esta “se dá no contato de dois móveis cujos conatos são contrários em

---

<sup>64</sup> Limongi, M. I, Hobbes e o conatus: da física à teoria das paixões

<sup>65</sup> DCo, III, XV, 2

<sup>66</sup> Hobbes define força como o ímpeto multiplicado em si ou pela magnitude do movente, pelo que o movente atua mais ou menos sobre o corpo que resiste. DCo, III, XV, 2

<sup>67</sup> DCo, III, XV, 2

todo ou em parte”<sup>68</sup>. Isso significa que somente pode haver resistência quando existe contato entre dois corpos que têm algum movimento em si mesmos. Se um corpo em absoluto repouso fosse tocado por um outro em movimento, ele não ofereceria nenhuma resistência ao que lhe tocou, simplesmente receberia aquela pressão e se deslocaria na mesma direção do conato recebido. Mas num universo no qual não há vazio e, portanto, todos os corpos estão em contato com outros corpos, não pode existir nenhum corpo que esteja em repouso absoluto. Todo corpo já foi e continua a ser tocado por algum ou vários outros corpos, portanto, tem em si um movimento ou conato que pode até diminuir, mas nunca acaba completamente antes de ser tocado por outro corpo que lhe provoque novo movimento ou lhe modifique o ímpeto e a direção de seu movimento atual.

## **Fenômeno**

No *De Corpore*, texto metodicamente estruturado, Hobbes nos apresenta sua física<sup>69</sup>, dando a ela o nome de “fenômenos da natureza”<sup>70</sup>. Na física hobbesiana a sensação tem papel importante, pois através dela se dá a percepção que possibilita ao homem conhecer os corpos que compõem o universo. O conhecimento depende da sensação e a sensação somente pode ocorrer se existirem objetos no mundo que possam ser percebidos. É a sensação que torna possíveis todas as ciências, inclusive a ciência política ou civil; saber como se dá a interação entre os objetos e o homem é fundamental para se compreender o comportamento humano, tanto no estado de natureza como no estado civil artificialmente criado pelo próprio homem.

---

<sup>68</sup> DCo, III, XV, 2

<sup>69</sup> A física é apresentada no seu texto depois de duas partes inteiras (da Filosofia Primeira, ou primeiros princípios, e das Proporções do Movimento e Magnitude) dedicadas ao estudo e definições do corpo e de seus acidentes, em especial movimento e magnitude, que servirão de base para o estudo da sensação, principal aspecto da física hobbesiana no que tange à teoria política.

A concepção de um objeto na mente “é apenas uma aparição em nós daquele movimento, agitação ou alteração, que o objeto provoca no cérebro”<sup>71</sup>. Sabe-se que todo objeto é dotado de algum tipo de movimento que move os objetos contíguos a ele, e nestes causa novos movimentos que sucessivamente movem outros objetos e por isso o movimento de um objeto distante pode atingir o órgão sensível. Da mesma forma, já que é um corpo humano que compõe o agregado de corpos do universo, deve haver nele algum movimento pelo qual repercute aquele movimento oriundo do objeto externo.

Quando entre aquele que sente e o objeto a ser percebido não existem outros objetos que impossibilitem por completo a progressão do movimento, então esse movimento se desloca pelo meio (ar) até o sujeito da percepção. Por exemplo, se existe um cesto e entre esse cesto e o sujeito se encontra um muro, o homem somente percebe o muro, pois o movimento do cesto não chega até o sujeito. Mesmo tendo atingido o muro e até interferido com o seu movimento de uma alguma forma, o sujeito somente percebe o muro, pois é o movimento atual e desimpedido que pode alcançá-lo. Mas, se o muro for retirado, o movimento existente naquele cesto se desloca, ou progride, através do ar até atingir o sujeito, ou melhor, o seu órgão sensor, e pode, dessa forma, ser percebido por ele.

## **Movimento Vital**

Se for necessário que haja movimento fora do sujeito para que ele perceba os objetos, também é necessário que exista algum movimento dentro do corpo do sujeito que lhe permita, além de perceber, tratar essa percepção de várias formas. Dadas a concepção de Hobbes sobre o universo, suas demonstrações da inexistência de vazio e o movimento interno dos corpos (conato), pode-se dizer que o homem, sendo um corpo que compõe o agregado de todos os corpos do universo,

---

<sup>70</sup> DCo, III, XXV, 1

é também um corpo que afeta e é afetado constantemente por movimentos. Contudo, a essas afecções isoladamente não se pode ainda chamar de percepção, sequer de sensação, pois ninguém afirma que uma parede tem uma percepção, uma sensação e, menos ainda, um juízo quando é tocada pela mão de um homem. Mas certamente do homem se poderá dizer que tem a percepção da parede, a sensação dela ressoando em seu interior, e, além disso, o julgamento sobre suas qualidades, textura, temperatura, dureza, etc.

Isso tudo – percepção, sensação e juízo – é possível graças ao movimento vital e à faculdade da mente, que não existem nos objetos inanimados, mas somente no homem e nos animais. Embora os animais também sejam dotados de uma faculdade mental, nestes ela jamais resultará num julgamento de maior complexidade e muito menos numa classificação de qualidades percebidas no objeto, como ocorre geralmente no homem. “As concepções ou aparições são realmente apenas um movimento nalguma substância interna da cabeça; este movimento, não se interrompendo ali, mas continuando para o coração, deve necessariamente ajudar ou retardar o movimento a que se chama vital”<sup>72</sup>. Hobbes afirma nesta passagem que a sensação, ou percepção do objeto externo gera um movimento que interage com um movimento interno, chamado vital, e que essa interação tem uma consequência necessária, de ajuda ou de retardo.

Embora o movimento vital tenha papel relevante na composição das paixões humanas (no capítulo sobre paixão esse tema voltará a ser abordado) ele também tem uma função importante na formação do pensamento por meio da sensação. A noção de movimento vital, embora presente desde os primeiros escritos de Hobbes, foi ficando mais definida e definitiva apenas nos seus textos posteriores. O conceito foi mais desenvolvido e apresentado no capítulo sobre os movimentos e as sensações do *De Corpore*. Mas este conceito já estava presente e contava com total atenção de Hobbes desde o princípio de seus trabalhos. Apenas citado no *Natureza Humana*, o movimento vital encontra-se assim explicado no *Leviatã*: “Há nos

---

<sup>71</sup> NH, 2, 4

<sup>72</sup> NH, 7, 1

animais dois tipos de movimento que lhes são peculiares. Um deles chama-se vital, começa com a geração, e continua sem interrupção durante toda a vida. Deste tipo são a circulação do sangue, o pulso, a respiração, a digestão, a nutrição, a excreção, etc”<sup>73</sup>. Dentre todos os movimentos que Hobbes apresenta, o mais importante é naturalmente a circulação sangüínea<sup>74</sup>. Ele mesmo assim o considera quando no *De Corpore* afirma estar “o princípio da vida no coração”<sup>75</sup> já que “movimento vital é o movimento do sangue pelas veias e artérias, circulando continuamente”<sup>76</sup>.

Esse movimento vital, circular e contínuo, é afetado pelo movimento do objeto que foi percebido e que se propaga pelos nervos em direção ao cérebro. Os nervos que o conduzem estão contíguos aos tecidos, ossos, veias e artérias que compõem o ser humano, ele próprio um agregado de corpos. Por estarem assim contíguos, o seu movimento é afetado pela circulação do sangue e por outros movimentos vitais, tais como a respiração, digestão etc, ao mesmo tempo em que também causam uma afetação. Desse modo, tanto o movimento da percepção do fenômeno quanto o vital sofrem alterações em sua direção e ímpeto. É essa interação do movimento proveniente do objeto percebido com o movimento vital de cada homem que explica e justifica a diferença de percepção e entendimento de uma mesma coisa percebida, pois, muito embora todos os sujeitos que presenciam a aparição de um fenômeno tenham dele uma sensação muito parecida, e até certo ponto quase idêntica, o efeito que essa sensação causa sobre cada um é sempre diferente.

---

<sup>73</sup> Lev, VI, 1

<sup>74</sup> Trata-se aqui da teoria sobre a circulação sangüínea de William Harvey, médico e cientista citado e elogiado por Hobbes inúmeras vezes.

<sup>75</sup> DCo, XXV, 12

<sup>76</sup> DCo, XXV, 12

## Sensação

Para que seja percebido, um objeto deve possuir algum movimento que venha a atingir o órgão sensorial do sujeito. Esse movimento existente no objeto, quando toca o órgão sensor, faz surgir nele um outro movimento, interno, que possibilita a sensação, assim “a sensação é algum movimento naquele que sente, gerado por algum movimento das partes internas do objeto e propagado através de alguns meios a parte mais interior do órgão”<sup>77</sup>.

Contudo, a sensação não é apenas o movimento com seu ímpeto e direção, ou seja, com sua velocidade propagando-se por um percurso de nervos até o cérebro. Existe também a resistência, que tem o papel fundamental de permitir ao homem marcar determinadas imagens como objetos do exterior. A resistência é um movimento contrário, uma reação ao movimento causado pelo objeto para o interior do corpo humano. Pela resistência se produz a imagem do objeto externo e, ao mesmo tempo, a impressão de que o objeto está fora da mente. Como a sensação é causada por um conato de resistência em direção ao exterior, esse movimento deixa na mente, junto com a sensação, a impressão de que o objeto que causou a sensação está fora do corpo do homem. Existem outros movimentos na mente que não são para o exterior, por isso o homem pode distinguir objetos externos de objetos internos. Esses outros movimentos interiores são as operações da mente, a razão, e os movimentos das paixões, que serão tratados nos dois próximos capítulos.

Numa definição completa, Hobbes apresenta a sensação como “um fantasma produzido por um conato (movimento) do órgão da sensação para o exterior, ao qual se produz, por reação, pelo conato que provém do objeto para as partes internas e que permanece”<sup>78</sup>. É da reação para o exterior causada pelo movimento propagado continuamente por um corpo para o interior do sujeito que se dá a

---

<sup>77</sup> DCo, XXV, 2

<sup>78</sup> DCo, XXV, 2

sensação e simultaneamente se produz a imagem, ou o fantasma, daquele objeto na mente.

Somente se pode chamar sensação aquele movimento causado pelo objeto enquanto o objeto está presente, ou seja, enquanto o órgão sensorial é pressionado pelo movimento proveniente do objeto. A sensação é uma ilusão, fantasma ou aparência que ocorre no cérebro do homem causada pela pressão ou movimento das qualidades pertencentes a um objeto externo nos sentidos do homem. Estas qualidades ou acidentes permanecem no objeto externo e são inseparáveis dele, o que fica no homem que sente é uma aparência ou ilusão dessas qualidades. Essa era uma explicação necessária para derrubar a crença, baseada nas concepções aristotélicas que fundamentaram grande parte do pensamento escolástico vigente na época de Hobbes, de que a percepção era causada por certos corpúsculos que se desprendiam do objeto e vinham contatar os órgãos dos sentidos do sujeito da percepção. Hobbes não acreditava que houvesse nenhuma parte material, ou *species* que viesse contatar os órgãos dos sentidos humanos. Apenas o movimento oriundo de um objeto externo e por meio dos próprios órgãos sensoriais é que poderia permitir à mente registrar uma aparência daquele objeto que permanecia inalterado e inteiro no exterior do pensamento.

Para Hobbes “a sensação não é outra coisa que a ação dos objetos propagada até as últimas partes do órgão, e os espíritos animais não são senão espíritos vitais levados através das artérias até o coração e ali purificados”<sup>79</sup>. Assim a origem de cada pensamento é necessariamente uma sensação, e cada pensamento será a representação de uma qualidade ou acidente de um objeto externo ao próprio homem percebido através de um dos sentidos. Da mesma forma, cada paixão nasce necessariamente da sensação, pois, como já foi dito, o movimento causado pelo objeto da sensação entra em contato com o movimento vital afetando esse movimento e causando no interior do homem e em direção ao coração um outro movimento, que pode ser de prazer ou dor, conforme ajude ou atrapalhe o movimento vital.

“Tanto quanto todas as concepções que temos imediatamente pela sensação ou são de prazer, ou de dor, ou de apetite, ou de medo, assim também o são as imaginações, após a sensação”<sup>80</sup>. Nesta passagem fica bem claro o pensamento hobbesiano de que a sensação causa tanto o fantasma (e a imaginação) quanto a paixão, que ficará unida na mente do homem àquela imagem percebida. Para ilustrar pode-se imaginar uma criança que tenha visto pela primeira vez uma panela vermelha, como a panela estivesse quente a criança se queima ao tocá-la. Ela registrará o fantasma em sua mente de uma panela vermelha junto com a paixão de medo causada pela dor da queimadura. Toda vez que a criança pensar ou vir a panela vermelha se recordará também da dor que experimentou naquela sensação.

A sensação é a base da razão e da paixão, que são as faculdades que propiciam o funcionamento do homem e sua ação no mundo. É por meio da sensação que se desenvolverá no homem tanto o pensamento que permite escolher as ações quanto os apetites e aversões que determinarão os objetivos a serem escolhidos.

---

<sup>79</sup> DCo, XXV, 10

<sup>80</sup> NH, 7, 4

## Capítulo IV

### Razão - Faculdade da Mente

Todo conhecimento do homem começa pela sensação, portanto, a sensação é o ponto de partida para tudo aquilo que o homem pensa e produz e também para sua interação com o mundo e com os outros. O conhecimento dos fenômenos pela mente humana leva o homem a procurar suas causas e as causas dessas causas até encontrar a causa primeira, ou os princípios primeiros, que permitirão prever as conseqüências de um fenômeno ou prever o efeito esperado a partir das causas. Mas só é possível conhecer fenômenos pela sensação, o que significa dizer que a sensação é “o princípio do conhecimento dos próprios princípios, e há que se dizer que toda a ciência se deriva dela”<sup>81</sup>, pois somente depois de percebido um objeto ou fenômeno é que a mente pode sair em busca de suas causas.

Além da faculdade de conhecer os objetos do mundo pela sensação, o que se chama poder cognitivo, a mente também tem outra faculdade que é a de fazer os cálculos, que é o mesmo que raciocinar. Pela primeira faculdade se pode perceber os fenômenos e pela segunda, calcular suas causas e efeitos. Neste capítulo primeiramente serão vistos os aspectos da cognição que conduzem a formação do pensamento por meio da percepção das coisas que existem no mundo e depois como a mente opera ou raciocina com esses pensamentos.

---

<sup>81</sup> NH, 3, 1

## **Poder cognitivo**

### **Sensação e Imaginação**

Esse contato com os objetos ou fenômenos, que se chama sensação, produz no homem, no mesmo instante do contato, um fantasma na mente. Hobbes usa diversos nomes para designar essa impressão na mente: concepção, aparição, aparência, ilusão e fantasma; sendo que nessa última expressão há uma particularidade interessante. No *Natureza Humana*, texto mais antigo e onde o assunto é abordado com menos riqueza de detalhes, Hobbes não utiliza o termo fantasma para essa impressão do objeto percebido na mente; ele só aparece com esse sentido no *De Corpore* e sequer é mencionado no *Leviatã*. No *Natureza Humana*, Hobbes faz uso do nome fantasma como sendo algo de fato não correspondente a um objeto real, mas já uma imaginação de uma falsa impressão ou impressão distorcida, como “a imagem que permanece diante da vista depois de olharmos fixamente para o sol e também aquelas pequenas imagens que aparecem diante dos olhos no escuro (creio que todo homem tem experiência disso, principalmente os medrosos ou supersticiosos)”. A definição de “fantasma” da forma como foi dada por Hobbes no *Natureza Humana* não aparece em nenhum outro de seus textos, nem mesmo no *De Corpore* onde o assunto da sensação foi tratado em detalhes. Neste texto, a expressão fantasma passou a significar a impressão da coisa percebida enquanto percebida, isto é, fantasma (ou ilusão, ou aparência, ou aparição) é a impressão na mente da coisa que percebida enquanto se está percebendo, enquanto a coisa está causando a sensação. O fantasma é produzido no mesmo instante em que ocorre a sensação; ele é a representação do objeto que ocorre no ato da sensação do objeto, sendo que a sensação somente ocorre quando o objeto está presente.

Quando a coisa percebida não está mais presente, permanecendo dela apenas uma ilusão ou aparência na mente, tem-se a imaginação ou memória da coisa, que Hobbes também chama de fantasia. Se fantasma é a impressão que somente existe

na mente enquanto a coisa exerce sobre o órgão sensor uma pressão que causa a sensação, a fantasia é já uma memória da coisa que se ausentou, ou foi aniquilada, e, nesse sentido, ela é uma representação daquela coisa; fantasia é uma representação registrada na mente que remete o homem àquela coisa que uma vez afetou seus sentidos. A imaginação é o que fica de cada sensação quando cessa o movimento que a originou, pois, tendo cessado o motor do movimento (o corpo que está sendo percebido), não cessa de imediato o movimento que ele causou, “sendo a imaginação (para defini-la) uma concepção remanescente, que, a partir do ato da sensação e depois dele, declina pouco a pouco”<sup>82</sup>. Quando o movimento do objeto deixa de tocar o órgão externo do sentido, os nervos que conduzem esse movimento para o interior e, por reação, para o exterior, vão pouco a pouco relaxando até que o movimento diminui significativamente ou acaba sendo modificado por outros movimentos vindos dos sentidos ou do movimento vital.

### **Recordação**

Quando novamente se vê um objeto, tem-se essa concepção de que já foi visto por causa da recordação, ou seja, porque o movimento provocado por aquele objeto através da sensação faz agitar a fantasia ou imaginação do objeto que já estava na mente. Com o passar do tempo o homem vai armazenando na sua mente muitas e diversas imaginações e pode mais vezes valer-se da recordação para reconhecer o mesmo objeto em novas sensações. Costuma-se também chamar “memórias” a essas imaginações guardadas e que podem ser recordadas. A pequena distinção que Hobbes faz entre imaginação e memória é o tempo, sendo que se chama uma recordação de memória quando um período maior de tempo decorreu entre a sensação e o momento em que se recorda.

---

<sup>82</sup> NH, 3, 1

## Experiência

“Muita memória, ou a memória de muitas coisas, chama-se experiência”<sup>83</sup>, mas experiência também supõe uma certa ordem na recordação das imaginações que vai permitir ao homem um cálculo de conseqüências, visto que a experiência é “a recordação de que antecedentes foram seguidos por quais conseqüentes”<sup>84</sup>. A experiência será fundamental para o conhecimento humano, pois além do acúmulo de imaginações ele poderá valer-se da recordação dessas imaginações, e principalmente, da ordem de causa e efeito entre elas, o que lhe permitirá tirar conclusões, deduzir, enfim calcular. A imaginação ou memória pode ser simples ou composta; na imaginação simples o homem imagina e recorda pela memória aquela sensação provocada por algo que viu ou sentiu, exatamente como aconteceu; já na imaginação composta o homem associa livremente duas ou mais imaginações decorrentes de sensações vistas separadamente. Esse tipo de imaginação é chamada de ficção ou criação do espírito e nem sempre corresponde a um objeto exterior realmente percebido pelos sentidos na sua totalidade. Um homem pode imaginar um cavalo alado a partir da imaginação dos cavalos que já percebeu e de asas que viu em diversos tipos de pássaros. Apesar de poder imaginar esse cavalo alado, pela composição de partes de imagens conhecidas, essa é uma imaginação da mente que não corresponde a um objeto no mundo real e, pelo simples fato de poder ter sido imaginada não pode garantir uma correspondência com alguma coisa de fato existente no mundo real.

---

<sup>83</sup> Lev, I, II, p.16.

<sup>84</sup> NH, 4, 6

## **Expectativa**

Na medida em que os homens guardam as imaginações das coisas percebidas e têm a capacidade de guardar sua ordem na forma de antecedentes e conseqüentes, eles passam a ter também a possibilidade de fazer previsões. “Quando um homem se acostumou a ver os mesmos antecedentes seguidos pelos mesmos conseqüentes, sempre que ele vê ocorrer algo semelhante ao que tinha visto antes, espera que a isso se siga o mesmo que então se seguiu”<sup>85</sup>. Portanto, é através da recordação, ou seja, da identificação de uma imaginação referente a algo ocorrido ou percebido no passado, que o homem pode prever um acontecimento futuro. Futuro não é uma concepção causada por uma sensação, não há nada no mundo real que possa dar ao homem uma concepção de futuro. Somente pela recordação dos eventos passados relacionados entre si e da ordem em que eles aconteceram, tendo sido estabelecido um efeito causal entre eles, é que o homem poderá fazer uma previsão de futuro, na medida em que perceber aqueles eventos que são considerados antecedentes. Da mesma forma, poderá fazer uma conjectura de passado quando o evento percebido corresponder àquilo que se chamou conseqüente. Sendo assim, todo homem é capaz de fazer previsão de chuva quando vê se aproximarem nuvens escuras, ou prever a queda de um raio quando vê o céu se iluminar por um relâmpago; ele deduz ou prevê uma conseqüência a partir de um evento que sabe por experiência ser antecedente da chuva ou do raio. Assim como, se um homem sai de sua casa de manhã e vê toda rua, calçada, casas e árvores molhadas pode rapidamente concluir que choveu naquela noite, ou ouvindo um barulho estrondoso, mesmo sem ter visto o céu iluminado, afirmar que caiu um raio.

Naturalmente que, como previsões e conjecturas estão sujeitas a uma margem de erro, visto que um homem pode se enganar na sua conclusão a respeito das causas e conseqüências de determinado evento, aquele homem que viu a rua toda molhada poderia ter-se enganado ao afirmar que choveu, pois podia bem ter acontecido o rompimento de um encanamento de água que, por causa da pressão,

fizesse jorrar água com tamanha força para o alto e em todas as direções. Bem como, poderia ter-se enganado também quando afirmou que caiu um raio ao ouvir o som estrondoso, pois poderia de fato ter ouvido uma explosão em alguma mina nas proximidades.

“As coisas que estão por vir não têm existência alguma, sendo o futuro apenas uma ficção do espírito, aplicando as conseqüências das ações passadas às ações que são presentes, o que é feito com muita certeza por aquele que têm mais experiência, mas não com a certeza suficiente”. Embora seja próprio do homem e fruto de sua experiência fazer conjecturas sobre possíveis causas e fazer previsões sobre eventuais conseqüências, isso ainda não pode ser considerado ciência, conhecimento científico e filosófico, já que não se utiliza de método e não alcança as causas primeiras, mas tão somente conhecimento, também chamado de experiência ou prudência, ao alcance do homem comum que pode dele se valer para melhor conduzir sua vida e obter melhores resultados em suas buscas. Assim sendo, podemos dizer que prudência é o conhecimento do homem comum baseado na experiência, sem método e sem características de um ciência adequadamente comprovada.

Do uso da razão que se tratou até aqui, pode-se dizer que decorre diretamente da sensação e requer memória. Para ter algum acúmulo de experiência e alguma capacidade de previsão do futuro basta que se tenha memória, e essa é comum a homens e animais. Todos sabem que um cão ou um macaco, e até outros animais menos familiares ao homem, são capazes de fazer previsões simples com base em experiências acumuladas. Sabem que é hora de alimentar-se quando se abre o compartimento onde é guardada a comida, pois já viram muitas vezes tal compartimento ser aberto e logo depois seu alimento ser colocado na tigela e por isso concluem que toda vez que o compartimento é aberto vão se alimentar. Alguns animais são capazes até mesmo de aprender alguns truques por mera repetição e prêmio, mas não vão além disso porque não possuem uma outra faculdade da mente que é exclusiva dos homens, o raciocínio do qual vai se falar a seguir.

---

<sup>85</sup> NH, 4, 7

## Raciocínio

### Raciocínio é cálculo

“Construir silogismos é o que se chama raciocínio ou raciocinar”<sup>86</sup>, mas esse construir silogismo poderia fazer supor que para raciocinar é imprescindível que haja uma linguagem formal. É claro que o homem vai usar a linguagem para raciocinar, mas, como capacidade da mente, a razão pode raciocinar com as fantasias que adquiriu por meio da sensação. Se no seu texto mais jovem, a *Natureza Humana*, Hobbes associa o conceito de raciocinar diretamente com a lógica e a construção dos silogismos, no *De Corpore*, no qual suas teorias estão mais desenvolvidas e solidificadas, ele apresenta uma idéia mais ampla e mais elaborada de raciocínio como cálculo ou computação, sendo que “computar é encontrar a soma de várias coisas adicionadas ou conhecer o que resta quando de uma coisa se subtrai a outra”<sup>87</sup>. Se naquele livro inicial raciocinar era tão somente construir silogismos, o que obrigaria necessariamente o homem a ter uma linguagem para poder raciocinar, e se mesmo no *Leviatã*, a razão aparece definida como “cálculo (isto é, adição e subtração) dos nomes gerais estabelecidos”<sup>88</sup>, no *De Corpore*, ou seja, no desenvolvimento final de sua teoria, aparece uma concepção mais ampla, segundo a qual pode-se raciocinar com coisas, antes mesmo de se possuir uma linguagem, “já que se podem somar e subtrair magnitude a magnitude, corpo a corpo, tempo a tempo, grau a grau de qualidade, conceito a conceito, proporção a proporção, oração a oração, nome a nome (no que se constitui todo gênero de Filosofia)”<sup>89</sup>. Naturalmente, a linguagem é uma das ferramentas com que a mente calcula, mas a faculdade de calcular não depende exclusivamente da linguagem.

---

<sup>86</sup> NH, 5, 11

<sup>87</sup> DCo, I, 2

<sup>88</sup> Lev, V, 2

<sup>89</sup> DCo, I,3.

## **Discurso Mental**

Por isso, antes de se abordar a linguagem, que é tão importante dentro da teoria do conhecimento de Hobbes, deve-se tratar do discurso mental, aquele que, independentemente de nomes, dá ordem ao pensamento.

As imagens guardadas na mente do homem possuem uma ordem conforme aquela que causou a sensação, assim como naquele exemplo dos animais, o alimento é uma imagem que foi guardada em seqüência a da abertura de determinado compartimento, assim também uma imagem suscita o aparecimento de outra não de forma fortuita, mas na mesma ordem em que foram percebidas pelos sentidos antes.

Quando o homem tem um grande número de imagens pode achar que elas surgem na mente aleatoriamente, pois não lhe ocorre mais em que ordem as conseguiu pela primeira vez, mas se ele tem um pensamento ou imagem de um fim desejado, surgem na sua mente os meios necessários para esse fim de forma ordenada, numa seqüência que lhe permitirá buscar o que deseja seguindo cada uma das imaginações que antecederam aquela que ele deseja naquele momento. Esse conjunto abundante de imagens nascidas de sensação, que constituem a experiência proporciona ao homem que pensa possibilidade de ordená-las quando tem interesse em uma determinada coisa que foi percebida e que ele deseja quando ela não está em seu campo de percepção.

Mas a mente humana possui, além dessa faculdade de guardar e ordenar as imaginações ou memórias dos objetos vistos, uma outra faculdade, a de fazer certas operações como “quando a concepção da mesma coisa acontece novamente, percebemos que é novamente”<sup>90</sup>. Em outras palavras, o pensamento do homem pode ser totalmente formado pelas imagens que o homem concebe através da sensação, mas sua mente é dotada de uma capacidade de calcular, demarcar e perceber coisas como novamente, igual, diferente, novo, antigo, antes, depois, etc. Contudo a sensação continua sendo imprescindível para a formação do

pensamento, pois se alguém com uma mente normal na faculdade de operações fosse totalmente desprovido de sentidos, jamais poderia saber se uma coisa é diferente de outra, se nunca percebeu nenhuma delas. Esses mecanismos de cálculo são uma faculdade da mente com a qual o homem pode trabalhar todas as concepções que adquiriu através dos sentidos.

Embora a mente seja perfeitamente capaz de operar tão somente com as imaginações, concepções ou fantasias registradas por meio da sensação, o homem precisa traduzir esse discurso mental ou “discorrência”<sup>91</sup>, para “mostrar aos outros o conhecimento, as opiniões, as concepções e as paixões que estão dentro de si”<sup>92</sup>. Enquanto o homem registra em suas mente as concepções e faz suas operações a partir delas, não estabelece com os outros nenhuma comunicação e não troca com eles sua experiência. Para que possa comunicar aos outros o que pensa, o que sente, o que concluiu a partir de suas experiências, o homem precisa de um discurso formal, ou linguagem, que também seja reconhecida pelos demais.

## **Linguagem**

O homem é o único animal a fazer uso da linguagem e é a partir desse ponto que ele começa a se distinguir dos outros animais. Todos os animais são capazes de sensação e imaginação, e alguns são capazes até de desenvolver a prudência, como se vê nos animais domésticos, que conhecem os hábitos dos seus donos e sabem pelos sons ouvidos ou pelos utensílios utilizados que está na hora de comer ou que serão castigados por algo que fizeram.

Discutindo o preceito bíblico, segundo o qual Deus teria instituído a linguagem com Adão - tema que aparece tanto no *Leviatã* como no *De Corpore* - e, portanto, a linguagem seria inata ao homem, Hobbes afirma que “embora Deus

---

<sup>90</sup> NH, III, 6

<sup>91</sup> “Como o termo discurso é comumente empregue para significar a coerência e a conseqüência das palavras, a fim de evitar equívocos designarei a sucessão ordenada de concepções na mente por discorrência”. NH. 4, 1

tenha ensinado alguns nomes de animais e de outras coisas, que foram usados pelos nossos primeiros antepassados, sem dúvida os deixou ao arbítrio deles, mais tarde, tanto na Torre de Babel como em tempos posteriores, caíram em desuso e no esquecimento, e seu lugar foi ocupado por outros inventados e aceitos pelo arbítrio dos homens”<sup>93</sup>. Sendo assim, para Hobbes, independentemente de ter um dia havido uma linguagem criada por Deus e ensinada aos homens, essa linguagem não existe mais e sequer é a base da linguagem usada pelos homens, já que Deus a retirou do mundo na Torre de Babel. A linguagem foi constituída pelos homens “à medida que a necessidade (a mãe de todas as invenções) os foi ensinando”<sup>94</sup> pela sensação e experiência das coisas do mundo e com ajuda das operações que a mente é capaz de fazer.

A linguagem se inicia pelo uso das marcas, ou notas, e depois progride pelo uso de signos ou sinais. A primeira, a que se chamará aqui simplesmente marca, serve para marcar na memória um pensamento, uma conclusão, uma sensação. Ela tem a função de facilitar a cadeia de pensamentos e a recordação de um pensamento que já foi marcado. Nesse sentido cada homem pode utilizar suas próprias marcas ou notas sem se preocupar se outros homens também as usam, visto que essas marcas servem para acompanhar a seqüência de seu próprio pensamento e para acessar suas próprias recordações. No segundo caso, o sinal, tem praticamente a mesma função, ou seja, marcar um pensamento, uma conclusão ou uma seqüência de pensamentos, não somente para si mesmo, mas sim para comunicá-los a outros. Por isso este sinal precisa ser algo que outros homens também reconheçam e que os remeta ao pensamento ou lembrança do mesmo objeto. É o sinal que será utilizado para comunicar o conhecimento de um homem a outro e que permitirá a continuidade do conhecimento entre os homens; o uso correto e metódico desses sinais é fundamental para o desenvolvimento da Filosofia e das Ciências.

---

<sup>92</sup> NH, 5, 14

<sup>93</sup> DCo, II, 4

<sup>94</sup> Lev, I, IV, 24

O nome para Hobbes é “uma palavra humana utilizada ao arbítrio do homem para que sirva de marca com que se pode suscitar na mente um pensamento semelhante a um pensamento passado e que, situada em uma oração pronunciada a outros, lhe sirva de sinal de que pensamento precedeu ou não naquele que a profere”<sup>95</sup>. O nome é o sinal arbitrado pelo homem para marcar e significar um pensamento. Ele não corresponde diretamente a uma coisa ou objeto existente no mundo, corresponde antes a um pensamento que vem à mente quando se vê ou se quer recordar uma coisa ou objeto. Contudo, um nome também pode significar somente um pensamento ao qual não corresponde qualquer coisa, como no caso dos nomes futuro e nada, que não correspondem a um objeto, mas aos quais o pensamento pode chegar a eles por abstração e cálculos.

Na classificação de nomes que Hobbes faz, o que merece maior atenção é justamente a definição de nomes universais, pois a ciência, inclusive a política, se constrói com esse tipo de nome. Existem nomes que são comuns a muitas coisas, como árvore, homem, animal e outros assim, que são chamados universais por serem o sinal não somente de um objeto particular, mas de muitas ou todas as coisas de um tipo ou classe. Quando se diz ‘homem’ não se está referindo somente a este ou aquele homem, antes a cada um de todos os homens existentes. Quando Hobbes, por meio da observação do particular, dele mesmo de outros homens com quem conviveu, apresenta seu tratado sobre o homem natural e sua interação com o mundo, na verdade está trabalhando com o conceito de homem universal, que representa o que há em cada particular e que cada leitor pode comprovar em si mesmo e em cada homem singular com quem mantém ou já manteve algum contato.

A linguagem é utilizada para marcar para si mesmo e significar para os outros e se constitui numa criação pela qual o homem impôs por sua vontade nome às coisas e aos pensamentos. “Por esta imposição de nomes, uns mais amplos, outros de significação mais restrita, transformamos o cálculo das conseqüências

---

<sup>95</sup> DCo, I, II, 4

das coisas imaginadas no espírito num cálculo das conseqüências de apelações<sup>96</sup>, diz Hobbes. Assim, as coisas imaginadas no espírito, todas oriundas da sensação, são significadas em palavras e calculadas para se obter um resultado, também chamado de conseqüência.

Com os nomes constroem-se as proposições, que são “uma oração que consta de dois nomes unidos”<sup>97</sup>, em que o primeiro, chamado sujeito, está contido no segundo, o predicado. Esses dois nomes vêm normalmente unidos pela cópula “é”. A proposição será verdadeira quando o nome atribuído ao predicado for comum também ao sujeito ou puder contê-lo, como quando se diz “o homem é um animal”, pois “animal” contém todos os homens; e será falsa quando isto não ocorrer. No entanto, alerta Hobbes, “a verdade reside no que é dito, não na coisa”<sup>98</sup> e o raciocínio correto depende de orações bem construídas e bem compreendidas, com o uso correto de nomes unidos de forma verdadeira, em que o predicado contém o sujeito.

“A verdade consiste na adequada ordenação de nomes em nossas afirmações”<sup>99</sup>, por isso a definição desses nomes é fundamental para Hobbes. Ele mesmo afirma que a aquisição da ciência depende da linguagem, portanto, há que se ter um cuidado muito grande com as primeiras definições, aquelas a partir das quais se inicia o cálculo das conseqüências. Quando se parte de definições imprecisas, vagas ou mal feitas não se chega a um conhecimento seguro e confiável. Somente se as definições forem precisas, bem claras e compreendidas por todos da mesma forma, e a ordem e o cálculo das conseqüências estiverem corretos, é que se pode ter a certeza da verdade daquele discurso. É com base nesse método que Hobbes constrói sua teoria política. Para ele a razão é a origem e a base da ciência, porém, “a razão não nasce conosco como a sensação e a memória, nem é adquirida apenas pela experiência, como a prudência, mas obtida com esforço, primeiro através de uma adequada imposição de nomes, e em segundo

---

<sup>96</sup> Lev, I, IV, 26

<sup>97</sup> DCo, III, 2

<sup>98</sup> DCo, III, 7

lugar através de um método bom e ordenado de passar dos elementos, que são nomes, a asserções feitas por conexão de um deles com o outro, e daí para os silogismos, que são as conexões de uma asserção com outra, até chegarmos a um conhecimento de todas as conseqüências de nomes referentes ao assunto em questão, e é a isto que os homens chamam ciência”<sup>100</sup>.

### **Entendimento**

“Quando um homem ao ouvir qualquer discurso tem aqueles pensamentos para os quais as palavras desse discurso e a sua conexão foram ordenadas e constituídas, então, dizemos que ele o compreendeu, não sendo o entendimento outra coisa senão a concepção causada pelo discurso”<sup>101</sup>. Com essas palavras Hobbes define no *Leviatã* o que é entendimento, idéia já esboça no *Natureza Humana* como “a descoberta do verdadeiro significado do que se diz”<sup>102</sup>. Pode-se afirmar que entendimento, por estar associado à linguagem formal, exclusiva dos homens, também só toca ao homem. Claro que todo mundo pode se lembrar de um animal que atende às ordens de seu dono, tais como: “senta”, “junto” ou “vem cá”; mas todos também sabem que um animal, por mais esperto que seja e por mais afinidade que tenha com a pessoa que fala com ele, é incapaz de entender um enunciado do tipo: “se você pegar este pedaço de carne que não lhe pertence eu vou ficar zangado e vou lhe colocar de castigo”.

Certamente uma criança, ainda que com pouca experiência e uma linguagem reduzida, entenderia aquele enunciado. A compreensão dele, além de requerer que o ouvinte tenha em sua mente as concepções de “carne”, “pegar”, “zangado” e “castigo”, que ele pode ter obtido por experiência, por já ter alguma ou várias vezes sentido essas coisas, requer ainda que ele seja capaz de compreender o

---

<sup>99</sup> Lev, I, IV, 27

<sup>100</sup> Lev, I, V, 34

<sup>101</sup> Lev, IV, 22

aspecto condicionante do enunciado – “se isto, então aquilo” - bem como de calcular as conseqüências a partir de certos efeitos, caso contrário não faria nenhum sentido aquela ameaça.

Portanto, entendimento é um processo que somente pode acontecer a um ser dotado de uma razão desenvolvida, coisa que os tolos e animais não têm. O entendimento não se limita, contudo, à compreensão de palavras. Ele requer um código de linguagem reconhecido por aquele que ouve e um conjunto de concepções que correspondam, em alguma medida, àquelas apresentadas por quem fala. Se uma pessoa dotada de razão e com uma grande variedade de concepções em sua mente ouve um enunciado do tipo “se você pegar o bolo eu *sdravs* você”, certamente saberá que o assunto envolve bolo e contém um aspecto condicionante, mas será incapaz de calcular qual a conseqüência de pegar o bolo porque não reconhece o nome *sdravs*.

### **Conhecimento**

Conhecimento é uma conseqüência natural da sensação e do entendimento. Somente após formar na mente um grande número de concepções, imaginações e pensamentos, passar pelo processo de compreensão dos nomes e entendimento do significado das orações, o homem tem o conhecimento que é próprio da espécie humana.

Hobbes classifica em dois os tipos de conhecimento. Um que se pode chamar simplesmente sensação; ele resulta da sensação e se conserva pela memória. Esse conhecimento é comum a homens e animais, embora nos animais o número de concepções que podem ser guardadas e o nível de associação entre elas seja bem reduzido. O outro é a ciência, um conhecimento da verdade das proposições e de como as coisas são denominadas; este somente o homem pode alcançar. Ambos são experiência, sendo que o primeiro é uma experiência sensível

---

<sup>102</sup> NH, 5, 8

dos efeitos das coisas sobre nós; e o segundo, uma experiência mais intelectual relacionada ao uso apropriado de nomes na linguagem.

“Quando um homem raciocina a partir de princípios revelados pela experiência, evitando todos os enganos da sensação e toda a equivocidade das palavras, diz-se que sua conclusão está de acordo com a reta razão”<sup>103</sup>. Um correto raciocinar, feito somente com proposições verdadeiras, pode levar a uma conclusão contrária à reta razão, absurda, apesar de ser verdadeira do ponto de vista da construção dos silogismos. Para que o conhecimento seja considerado realmente uma ciência é preciso que ele tenha, além da verdade das proposições, também a evidência, que “é concomitância entre a concepção de um homem e as palavras que significam essa concepção no acto de raciocínio”<sup>104</sup>. Na proposição “todas as coisas que existem foram criadas por Deus, / se eu existo, / então Deus existe”, embora haja verdade na conclusão - pois eu sou uma coisa que pertence ao conjunto de todas as coisas criadas por Deus - não há evidência, já que não existe nenhuma sensação ou experiência que permita afirmar que alguma divindade criou todas as coisas. Trata-se de crença, opinião ou fé, mas não há evidência e, portanto, essa proposição não se constitui conhecimento.

Ciência é, assim, a evidência de uma verdade a partir de alguma sensação. O conhecimento principia com a assimilação das concepções. Estas ficam guardadas na memória; passando em seguida por uma nomeação. O nome que recebem vai corresponder tanto à concepção guardada na mente quanto à coisa que originou essa concepção. Dessa forma, o nome corresponde ao objeto que causou a sensação e isso vai garantir aquela correspondência entre o nome e a coisa que possibilita a evidência. Depois de nomeadas essas concepções ou pensamentos, eles são ordenados em proposições, e estas reunidas de modo a formar um silogismo verdadeiro, o qual requer grande atenção às definições dos nomes e cuidado para que o segundo termo da proposição sempre contenha o primeiro. As proposições devem ser reunidas com intuito de serem conclusivas; elas devem ser ordenadas e

---

<sup>103</sup> NH, 5, 12

<sup>104</sup> NH, 6, 3

encadeadas de forma a alcançar uma conclusão válida. Esse tipo de construção de linguagem é o que se chama silogismo no campo da lógica; Hobbes chama tudo isso, simplesmente, raciocinar.

A fala do homem comum nem sempre evidencia a verdade, pois muitas vezes ele apenas encadeia de modo automático um conjunto de palavras aprendidas, como no caso de uma reza na qual as palavras não se reportam a concepções na mente, ou no caso de se repetir palavras de um livro sem que se tenha tido experiência alguma equivalente àquilo que está aí escrito; ou quando se fala sobre um fenômeno que se percebeu sem atentar para o correto encadeamento dos termos na proposição. O homem sábio, ou o filósofo sabe expressar o que percebe segundo uma ordem e cálculo precisos e corretos, pois se vale do método analítico, que busca as causas do fenômeno pela observação dos eventos e depois constrói seus enunciados por meio de proposições de tal forma que resultem em silogismos verdadeiros.

## Capítulo V

### Prazer e dor

Como já foi visto na parte III, a sensação é um movimento interno causado por um movimento externo que ocorre no objeto percebido. Ela provoca uma agitação na mente fazendo surgir ali uma imaginação, e esse movimento, “não se interrompendo ali, mas continuando para o coração, deve necessariamente ajudar ou retardar o movimento a que se chama vital”<sup>105</sup>. É importante, também, lembrar que, para Hobbes, movimento vital praticamente equivale a circulação sanguínea, e que, por causa disso, o coração é o centro vital do corpo. Dessa forma, qualquer movimento que afete a circulação do sangue, afeta, também, de forma positiva ou negativa, o centro da vida. Essa afetação, ou resultado da interação do movimento externo causado pelo objeto da percepção com o movimento vital, é o que se chama prazer ou dor. Essa sensação de agrado ou sofrimento nasce de um movimento que começa na parte mais exterior do órgão e se propaga para dentro, para o interior do corpo em direção ao coração.

O movimento vital, como o próprio nome já indica, é responsável pela existência e continuidade da vida. Quando ele é afetado de forma a ajudar, a facilitar a sua circulação, é chamado de prazer, pois vem em auxílio e benefício da vida. Quando retarda ou dificulta a circulação é chamado dor, pois ameaça a sobrevivência ou a torna penosa e sofrida. Isso pode ser melhor compreendido pela simples observação de como reage o corpo quando uma pessoa é afetada por algo agradável ou percebe algo que deseja. Essa pessoa sente-se bem, respira livremente, todo seu corpo está ativo e pleno de sangue em todas as partes. No entanto, quando se depara com algo desagradável ou que julgue poder ameaçá-la, sua respiração fica entrecortada, seu corpo se retesa dificultando a circulação do sangue nas extremidades. Assim, quando alguém sente muito frio por um período

---

<sup>105</sup> NH, 7, 1

prolongado começa a sofrer no corpo algo muito desagradável, dor mesmo, pois a baixa temperatura ameaça a vida, na medida em que o frio extremo e prolongado dificulta a circulação do sangue nas veias. Do mesmo modo, essa pessoa terá uma sensação de prazer quando for agasalhado por um cobertor bem quentinho, pois o calor que o cobertor proporciona é favorável ao bom funcionamento dos órgãos e da circulação do sangue e, sendo assim, beneficia a vida.

Prazer e dor são, portanto, sensações causadas no corpo do homem por um corpo externo. Do mesmo modo que na percepção mental do objeto, um fantasma se cria instantânea e simultaneamente quando o homem percebe um objeto externo, também o prazer e a dor ocorrem concomitantemente à sensação do objeto externo. Prazer e dor ocorrem enquanto o objeto está presente e em algum tipo de contato com o corpo. Quando alguém come um alimento que tem sabor agradável ao paladar, sente o prazer do sabor e a satisfação da fome, são duas sensações agradáveis e que duram enquanto dura a alimentação. Depois de ingerido o alimento, a pessoa ainda pode continuar experimentando durante a digestão sensações de prazer ou dor, conforme o alimento consumido seja mais ou menos digerível. Assim, se alguém está com fome e come um alimento de sabor agradável, terá prazer ao comê-lo por causa do seu sabor e por causa da saciedade. Ambos, sabor e saciedade, são causa de prazer no corpo do homem, pois são movimentos que ajudam a vida. Contudo, se o alimento for de difícil digestão e causar muito incômodo durante o processo digestivo, dificultando que o homem faça outras tarefas ou consiga dormir por causa das sensações desagradáveis e de desconforto nos órgãos internos, esse homem terá uma sensação de dor em relação àquele alimento. A digestão do alimento causou um movimento contrário à vida; causando dor ao ser digerido, o alimento indica que pode ser prejudicial à saúde e ao bom funcionamento do corpo do homem.

## **Apetite e aversão**

Tudo que favorece a vida é agradável e desperta o apetite pelo objeto que causou a sensação de prazer; e ao contrário, aquilo que põe em risco a vida, porque causa dor desperta a aversão, é afastado.

Hobbes chama de fantasma (ou mesmo sensação) a percepção de um objeto enquanto ele está presente, e imaginação (ou fantasia) a percepção que permanece quando o objeto não está mais ao alcance dos órgãos sensoriais. Da mesma forma ele faz a seguinte distinção na formação das paixões: quando o objeto ou o fenômeno está presente, diz-se que a sensação de prazer ou dor causa um apetite ou uma aversão, mas, uma vez retirado o objeto ou fenômeno que causaram aquela dor ou prazer, o que permanece é uma paixão, de medo ou esperança. No exemplo do frio citado acima, enquanto a pessoa está exposta a uma temperatura muito baixa, a sensação de dor a leva a sentir aversão pelo fenômeno que se apresenta e buscar de qualquer forma tirar-se de tal situação, por meio de um abrigo ou agasalho. O mesmo ocorre com a sensação de prazer causado pelo cobertor: dado que favorece a sua sobrevivência, essa pessoa vai procurar ficar aconchegada a ele o mais que puder e buscá-lo sempre que sentir alguma sensação de frio.

O homem é levado a agir a partir desses dois movimentos, o apetite ou a aversão; é o desejo de alcançar algo que faz com que o ele se mova em sua direção, buscando todos os meios para alcançá-lo. Do mesmo modo, a aversão faz com que ele fuja ou se defenda daquilo que julga ser um mal para a manutenção de sua vida. “Os objetos externos causam concepções, e as concepções causam apetite e medo, que são os começos imperceptíveis das nossas ações”<sup>106</sup>, em outras palavras, a causa do apetite e aversão é tanto o prazer quanto a dor causada pelas sensações provocada pelos movimentos existentes nos corpos externos. Pode-se dizer, então, que todo movimento voluntário do homem também tem origem, em última

---

<sup>106</sup> NH, 12, 1

instância, por esses mesmos corpos externos, na medida em que sem eles, seus conatos, não haveria sensação e tampouco imaginação ou apetite.

### **Da ação humana e seus fins**

Mas é sabido e evidente que o homem não se move apenas quando tem o objeto presente e atuante nos órgãos sensores, como no caso de querer ir a algum lugar no qual possa dormir abrigado do ar frio antes de cair a noite. Se apenas as sensações fossem a causa de apetite e aversão, o homem somente buscaria o lugar protegido quando já fosse noite e a temperatura, fria. Mas ele tem a memória da sensação de alguma vez ter estado no frio e no escuro e a experiência de ter sentido dor, desconforto e dificuldade para dormir. As sensações são a origem do prazer e da dor, e toda percepção guardada no cérebro, ou imaginação, está associada à lembrança da sensação de prazer ou dor que foi sentida junto com a coisa percebida. Quando alguém se lembra de algo cuja sensação causou prazer, essa lembrança vem associada a uma imagem ou fantasia com o mesmo prazer que a sensação causou. O frio é prejudicial à manutenção da vida e a falta de repouso também, pois a exposição a baixas temperaturas e a falta de repouso podem levar o homem a adoecer, e mesmo à morte. Assim, o homem guarda na memória a sensação de frio, e juntamente com ela a lembrança de uma dor, e quando em outros dias vê se aproximar a noite, por causa daquela ordem mental das memórias, ele se recorda do frio da noite. Essa lembrança é uma agitação no cérebro que causa um movimento que, interferindo com o movimento vital, gera aversão, por causa da lembrança da dor, e faz com que o homem se ponha em ação a fim de evitar o mal iminente ou buscar o bem provável, que seria um lugar abrigado do frio. Apetite e aversão são sempre movimentos de aproximação ou fuga em relação a alguma coisa que aparece ao homem como mal ou bem. Esse movimento tanto pode ser despertado pela presença da coisa mesma quanto por sua lembrança. No

primeiro caso, diz-se que o apetite foi causado pela sensação; no segundo, pela paixão.

## **Paixão**

“Assim como o apetite é o começo do movimento animal em direção a algo que nos agrada, atingir este algo que nos agrada é o fim desse movimento”<sup>107</sup>. Esse fim não é, porém, em absoluto o fim último ou sumo bem no qual se encontraria a felicidade descrita por Aristóteles. Para Hobbes tal fim não existe neste mundo e nem existiriam meios para o alcançar se ele existisse. O bem que se busca é, muitas vezes, um meio para outro bem que se julga ainda maior e mais atraente.

As concepções, para Hobbes, podem ser de três tipos: “um é a concepção do que é presente, ou sensação; outro é a concepção do que é passado, ou recordação; e o terceiro é a concepção do que é futuro, a que chamamos expectativa. E cada uma destas concepções é prazer presente.<sup>108</sup>” Se toda concepção está associada a alguma sensação de prazer ou dor, não é necessário e imprescindível que haja sempre um objeto presente para que haja apetite ou aversão, que são resultantes da dor ou prazer. Nem sempre o que o homem procura alcançar é algo que atenda somente às necessidades físicas e os prazeres sensuais, pode bem ser algo que satisfaça sua curiosidade ou vaidade; uma vez satisfeito, ele passa a desejar outro bem que lhe proporcione novos prazeres, para o corpo ou para mente.

Assim como existem prazeres e dores do corpo que são causados pelos objetos presentes aos sentidos e pelas necessidades físicas, também existem os prazeres e dores que independem da presença de qualquer objeto presente e pressionando os sentidos do homem. Estes últimos são causados pela expectativa de se alcançar algum bem ou como pela recordação de algo agradável. Aliás, é por meio da lembrança de um prazer ou dor já percebido que se forma a expectativa de

---

<sup>107</sup> NH, 7, 5.

um bem ou mal futuros. Costuma-se chamar de medo a expectativa de um mal que possa vir a ocorrer, e de esperança a expectativa de um bem provável. “A concepção de futuro é apenas uma suposição do mesmo, que procede da recordação daquilo que é passado; e concebemos que haverá algo no futuro, na medida em que sabemos que há algo no presente com poder de produzi-lo.<sup>109</sup>”. Portanto, medo e esperança são as paixões básicas do homem e que motivam todas as suas ações. Estando o objeto presente ou não, o homem responde à expectativa de alcançá-lo movendo-se em direção a ele.

Quando o objeto está ausente há uma maior recorrência à razão para recordar os antecedentes e conseqüentes relacionados a ele, assim como para o cálculo de possibilidades de conseguir alcançar a coisa desejada. O simples desejo de abrigo ou alimento requer pouca imaginação e um fraco papel da razão. Quando se trata, porém, do que Hobbes chama “paixões da mente” - nas quais é a expectativa de alcançar um bem futuro que faz o homem mover-se - a concepção de tempo tem papel relevante. Neste caso, as lembranças dos prazeres associados a certas concepções que ficaram registradas na mente suscitam no movimento vital sensações de prazer que, por sua vez, fazem despertar novamente o apetite pelo objeto que originou a concepção. O mesmo vale para as concepções associadas a alguma dor. Assim, se um homem sentiu alguma vez prazer com o toque suave de um tecido fino e macio, ele pode querer sentir novamente tal prazer e por isso sai em busca de tecidos finos e macios ou dos meios necessários para adquiri-los; do mesmo modo, alguém que um vez sentiu a dor da fome talvez se preocupe em sempre estocar alimentos ou prover-se dos meios financeiros para que nunca lhe falte comida.

Alcançar os bens ou os fins desejados por meio de movimentos determinados pelo apetite ou pela aversão é o que Hobbes chama de poder. “Por este poder entendo o mesmo que as faculdades do corpo e da mente mencionadas no primeiro capítulo; do corpo: nutritiva, geradora, motora; da mente:

---

<sup>108</sup> NH, 8, 2

<sup>109</sup> NH, 9 3

conhecimento. E, além destes, os poderes mais longínquos pelos quais são adquiridos: riquezas, posição de autoridade, amizade ou favor<sup>110</sup>”.

### **Razão e paixão**

Razão e paixão são movimentos internos no homem originados na mesma causa, a sensação, que resulta de um movimento externo advindo do objeto. Razão e paixão passam necessariamente pelos sentidos e, por isso, ocupam posições equivalentes no homem, não sendo uma superior a outra. A ação humana está diretamente ligada a essas duas faculdades, motivo pelo qual foi preciso discorrer sobre elas, para, então, passar a tratar da ação do homem no mundo por meio da deliberação.

---

<sup>110</sup> NH, 8, 4

## Capítulo VI

### Deliberação

A “sucessão alternada de apetite e medo, durante todo o tempo em que está em nosso poder fazer ou não fazer a ação, é o que chamamos deliberação”<sup>111</sup>. Na deliberação, segundo Hobbes, a paixão tem o papel fundamental de levar o homem a agir, pois são os apetites e aversões que determinarão se o homem buscará o objeto desejado ou fugirá de algo temido. Nem toda ação requer deliberação; muitas vezes o homem age imediatamente levado pelo apetite ou aversão que se apresenta, quando, por exemplo, está com muita sede e vê um rio próximo e sem nenhuma deliberação sobre o assunto se precipita sobre a água; ou quando se depara com uma fera e foge imediatamente com medo do dano que aquele animal possa lhe causar. Nesses dois casos existe, naturalmente, um juízo sobre o objeto que causou o apetite e a aversão. Principalmente no caso da fera, é necessário que o homem tenha alguma opinião sobre o que o animal poderia lhe fazer; no segundo exemplo, o da água, vendo-a desimpedida e limpa, o homem agiria imediatamente, mas se a água estivesse suja ou na da propriedade de alguém, a situação ia requerer do homem sedento alguma deliberação a respeito dos eventuais benefícios e perigos de satisfazer aquele apetite.

Ocorre, no entanto, e talvez na maioria dos casos, que o homem delibera a respeito de atender ou não seus apetites, de fugir ou não de suas aversões. Nesse sentido, já que deliberação consiste na escolha de satisfazer este ou aquele apetite, conforme as conseqüências sejam mais ou menos danosas à existência e conservação do homem, ela é também uma forma de o homem impor limites à sua própria liberdade. Desejar algo pelo que se tem apetite ou temer aquilo pelo que se tem aversão é necessário, e o homem não tem liberdade alguma para não desejar ou

---

<sup>111</sup> NH, 12, 1

temer; “naquele que apetece, a causa do apetite já havia precedido em sua totalidade, portanto, o apetite mesmo... não podia não se seguir, quer dizer, se segue necessariamente”<sup>112</sup>.

Se não há liberdade para desejar ou temer, dado que desejar aquilo pelo que se tem apetite é uma decorrência necessária do próprio apetite, há sim liberdade de agir no sentido de atender esse desejo ou esse medo; é justamente nisso que consiste a deliberação. O homem, auxiliado pela reta razão, pode escolher entre seus apetites e aversões aqueles que são mais preeminentes. A razão indica quais apetites convêm ou não satisfazer a fim de que a vida seja garantida e segura; a razão vai apresentando todas as concepções e juízos associados aos objetos do desejo ou da aversão para que seja escolhida a melhor ação a ser tomada em função das eventuais conseqüências da escolha de cada um. Além disso, a razão também ajuda a calcular os meios para se obter, ou evitar, os objetos, pessoas e situações que possam ajudar ou prejudicar, pois “do desejo surge o pensamento de algum meio que vimos produzir algo de semelhante àquilo que almejamos; e do pensamento disso, o pensamento de meios para aquele meio; e assim sucessivamente, até chegarmos a algum início dentro de nosso próprio poder”<sup>113</sup>.

Se, por um lado, deliberar é ter liberdade de fazer ou não aquilo que necessariamente o apetite deseja e a aversão teme, por outro lado, essa liberdade existe apenas durante o tempo em que dura a deliberação, ou seja, enquanto se passa de um apetite a outro e de uma aversão a outra, enquanto se calcula as conseqüências de cada ação possível. Uma vez que o homem escolhe atender este e não aquele desejo, fugir ou enfrentar determinada aversão, ele tira de si mesmo a liberdade de agir segundo seus apetites e aversões, ou seja, segundo seu primeiro impulso.

---

<sup>112</sup> DCo, XXV, 13

<sup>113</sup> Lev, III, 4

## Vontade e Ação

Esse último apetite ou aversão que resultou da deliberação é que se chama vontade. Essa vontade é já o princípio da ação, da mesma forma que o apetite é o começo do movimento animal, pois “o que se chama vontade e apetite é a mesma coisa”<sup>114</sup>, sendo assim o apetite sempre resulta numa ação que se segue imediatamente à percepção do objeto desejado, e vontade é o que se segue a uma deliberação sobre atender ou não o apetite. O apetite é uma resposta direta da ação do objeto externo sobre o corpo, já a vontade envolve uma participação maior da razão, na medida em que resulta de um processo deliberativo no qual se calculou inclusive quais os meios para se obter a coisa desejada e quais poderiam ser as prováveis conseqüências dessa ação.

“A proposta de benefícios e de prejuízos, isto é, de recompensa e de punição, é a causa do nosso apetite e dos nossos medos; e, portanto, também das nossas vontades”<sup>115</sup>. É por causa da opinião ou juízo sobre que bem ou mal determinada ação pode causar que o homem opta por este ou aquele apetite ao final da deliberação. Enquanto delibera, o homem passa de um apetite a outro, bem como de uma aversão a outra, em função da aversão ou apetite que decorre do cálculo das conseqüências. Assim, se um homem deseja beber de uma água à sua frente, por estar com sede, ele delibera, por exemplo, sobre sua pureza e, se a supõe impura ou contaminada, passa a ter pela água não mais apetite, mas aversão, pois, embora esteja com sede e precise beber, uma água contaminada ou envenenada pode lhe fazer mais mal que bem. Ele pode também deliberar sobre acessibilidade àquela água e se considerar que o risco de cair ou se afogar é muito grande passa a ter aversão pela busca daquela água. “As nossas vontades seguem as nossas opiniões, como as nossas ações seguem as nossas vontades”<sup>116</sup>, portanto,

---

<sup>114</sup> DCo, XXV, 13

<sup>115</sup> NH, 12, 6

<sup>116</sup> NH, 12, 6

o homem vai agir segundo suas considerações sobre o bem ou mal que pode advir de agir segundo uma ou outra vontade.

Não é apenas a busca de satisfação das necessidades do corpo, como sede e fome, que fazem o homem agir; coisas como “poder”, “glória” e “honra” também são causas da ação dos homens. Esses desejos da mente não resultam de uma afecção imediata por algum objeto, mas sim de um raciocínio que dá ao homem a certeza de que o poder, glória ou honra lhe proporcionarão mais facilmente a satisfação de seus desejos. Nesse caso “o objeto de desejo do homem não é gozar apenas uma vez, e só por um momento, mas garantir para sempre os caminhos de seu desejo futuro”<sup>117</sup>. Considerando-se que atribuir honra a algum homem é “reconhecer que esse homem está em vantagem, ou tem um excesso de poder sobre aquele que rivaliza ou se compara com ele”<sup>118</sup> e glória é “imaginação ou concepção de nosso próprio poder como superior ao poder de quem rivaliza conosco”<sup>119</sup>, pode-se reduzir tudo a desejo de poder como sendo a paixão da mente que faz o homem agir. Assim como medo e esperança são as paixões resultantes diretamente da sensação de dor e prazer, já carregadas de juízo e opinião, que motivam a ação no homem, o desejo de poder é uma paixão que, embora também resulte de querer buscar o prazer e evitar a dor, está mais ligada ao cálculo dos meios necessários para obtenção dos bens do que à sensação propriamente dita.

Sendo o poder uma forma de o homem conquistar para si mesmo todos os meios necessários à obtenção de tudo aquilo que deseja, não só para sua satisfação, mas para garantir a continuidade dessa satisfação, todo homem deseja ter sempre mais poder que o outro “e a causa disto nem sempre é que se espere um prazer mais intenso do que aquele que já se alcançou, ou que cada um não possa contentar-se com um poder moderado, mas o fato de não se poder garantir o poder e os meios para viver bem que atualmente se possuem sem adquirir mais ainda”<sup>120</sup>. Tanto quanto o poder permite a obtenção de todas as coisas necessárias ao que o

---

<sup>117</sup> Lev, XI, 1

<sup>118</sup> NH, 8, 5

<sup>119</sup> NH, 9, 1

homem julga ser seu bem estar, a possibilidade de ser submetido pelo poder de outro ou perder aquilo que já possui para alguém com mais poder gera desconfiança e desejo de vingança.

---

<sup>120</sup> Lev, XI, 2

## Conclusão

Este trabalho foi apresentado em duas partes importantes. A primeira, que trata do método e sistema de Hobbes e a segunda, que trata da teoria da ação humana. Embora o objetivo principal deste trabalho fosse da ação dos homens que os conduz a viver em sociedade, julguei necessário apresentar primeiro o método de Hobbes – do qual, segundo demonstrei, decorre seu sistema – por entender que é justamente o método que leva Hobbes a uma investigação que resulta na sua teoria sobre o homem e suas ações.

Era necessário para eu entender por que Hobbes começou o *Leviatã* tratando das sensações e, ainda, por que ele escreve o *De Corpore*, um livro que trata da física e que Hobbes diz ser o primeiro de seu sistema, sendo ele reconhecidamente um filósofo político. Rapidamente se percebe que isso faz parte de seu método investigativo, que busca a causa primeira – o elemento mais simples e mais essencial – para assim compreender e recompor o entendimento a respeito do funcionamento de cada coisa.

Sendo assim, para dizer como deve ser o Estado no qual o homem vai viver é necessário saber como funciona e como se comporta esse homem. E para saber como ele age é preciso saber como ele é e o que causa a ação. Essa investigação de Hobbes a respeito do Estado o levou ao estudo das ações humanas que só podem ser compreendidas a partir do entendimento sobre o funcionamento do corpo humano.

Hobbes conclui em sua pesquisa que a base de tudo, tanto na física quanto na ação humana e no Estado, é o movimento. O conato, que é um movimento infinitamente pequeno, porém contínuo, está presente em todos os corpos. No homem esse movimento que se inicia fora encontra um outro movimento, o vital, também contínuo, e esse encontro resulta nas sensações que geram paixões e pensamentos e, por fim, culminam na deliberação.

Sendo o Estado um homem artificial, ele também tem que ter movimento permanente para se manter vivo. Para Hobbes, “a soberania é uma alma artificial,

pois dá vida e movimento ao corpo inteiro”<sup>121</sup> do Estado. A partir do entendimento que no homem natural o movimento é que propicia a razão e a paixão, Hobbes deduz do poder soberano “a justiça e as leis, uma razão e uma vontade artificiais”<sup>122</sup>.

Hobbes acredita que a ciência política deve ser um conhecimento certo, verdadeiro e irrefutável para que todos o aceitem e não haja guerra civil, que seria a morte do Estado. “Podemos discernir melhor o benefício dessa ciência, quando exposta corretamente (isto é, quando é derivada de princípios verdadeiros por conexões evidentes), depois de considerar os males que sofreu a humanidade, devido a suas formas contrafeitas e gaguejantes”<sup>123</sup>. Fica bastante evidente nesta passagem e no conjunto das obras que compõem o sistema que para Hobbes realmente era necessário ir aos primeiros princípios para a partir dele chegar à teoria do Estado através de um conhecimento científico verdadeiro e irrefutável, que pode garantir a paz.

No âmbito da ação humana, Hobbes apresenta uma teoria muito interessante a respeito de como o homem sente e pensa. Teoria essa que não passa pela crença religiosa e dispensa completamente a interferência divina.

Não existe pensamento ou idéia inata, existe uma capacidade mental e sensitiva que funciona de forma igual em todos os homens. O homem é dotado de poder cognitivo; a partir do movimento do objeto externo que interage com o movimento interno do corpo, o homem concebe uma idéia que está sempre associada a algum tipo de prazer ou dor. Essa forma de percepção que gera conhecimento e desejos é que determina como o homem vai agir.

Se toda idéia que existe no homem vem da sensação e ela está sempre associada a um prazer ou uma dor, e sabendo-se que todo homem tem medo da dor e do sofrimento, pode-se deduzir que toda ação humana vai sempre estar direcionada para fugir do perigo, ou para a busca do menor mal, quando a situação

---

<sup>121</sup> Lev, Introdução

<sup>122</sup> Lev, Introdução

<sup>123</sup> DCv, Prefácio do leitor ao autor.

se apresenta entre dois perigos. Mas a busca do mal menor ou a ação tomada para evitar o perigo são fruto de uma deliberação na qual atuam em proporções iguais, e com igual importância, razão e paixão.

Para Hobbes o homem não é um ser racional que deve controlar suas paixões, como entendiam os grandes filósofos que dominavam o pensamento político da época, Aristóteles e Cícero. Na concepção hobbesiana do homem a paixão (desejo ou medo) determina o alvo, impulsiona o homem no sentido de alcançar o objeto de desejo ou fugir do perigo que amedronta. A razão calcula os meios, ou seja, determina a forma pela qual aquele objeto deverá ser alcançado ou evitado.

Razão e paixão têm a mesma causa, a sensação, que, por sua vez, é causada pelo movimento; atuando em conjunto na determinação do objeto de desejo ou aversão e na forma como conquistá-lo ou repudiá-lo, razão e paixão culminam na deliberação, ou seja, na escolha sobre qual atitude tomar. A ação humana ocorre pela vontade resultante da deliberação, sendo assim pode-se dizer que, em primeiro lugar, razão e paixão estão em condições de igualdade na constituição do homem e no seu processo de deliberação; em segundo lugar, é somente por meio do conhecimento das paixões humanas e de como funciona sua razão que se poderá determinar qual a melhor forma de governo e que leis deverão ser criadas para garantir a convivência desses homens dentro do Estado Civil.

## **Bibliografia**

### **Principal**

Hobbes, T., *The elements of law, natural and politic*; edited with a preface and critical notes by Ferdinand Tönnies. Edição 2nd ed.; with a new introduction by M. M. Goldsmith, London, Cass, 1969.

Hobbes, T., *Natureza humana*, Lisboa, Impr. Nacional/casa da Moeda, c1983, 1992.

Hobbes, T., *Leviatã ou Matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil*, Coleção Os Pensadores, São Paulo, Abril Cultural, 1974.

Hobbes, T., *Do Cidadão*, São Paulo, Martins Fontes, 1998.

Hobbes, T., *Tratado sobre el cuerpo*, (De Corpore) Madri, Ed. Trota, 2000

in Bernard Gert ed, *Thomas Hobbes. The man and citizen*, Hackett, 1993.

Aristóteles, *Política*, Brasília, Ed. UNB, 1997.

Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, Coleção Os Pensadores, São Paulo, Abril Cultural, 1974.

## **Secundária**

Skinner, Q., *As fundações do pensamento político moderno*, São Paulo, Cia. das Letras, 1996.

Skinner, Q., *Razão e retórica na filosofia de Hobbes*, São Paulo, UNESP, 1999.

Bobbio, N., *Thomas Hobbes*, Rio de Janeiro, Campus, 1991.

Ribeiro, R.J., *A marca do Leviatã :linguagem e poder em Hobbes*, São Paulo, Editora Ática, 1978.

Ribeiro, R.J., *Ao leitor sem medo : Hobbes escrevendo contra o seu tempo*, São Paulo, Brasiliense, 1964.

Limongi, M.I.M.P., *O homem excêntrico: paixões e virtudes em Thomas Hobbes*, São Paulo, 1999.

King, P. (ed), *Thomas Hobbes Critical Assessments*, London, Routledge, 2000.

## **Manuais e Dicionários**

Martinich, A.P., *A Hobbes Dictionary*, Oxford, Blackwell, 1995

Nicola A., *Dicionário de Filosofia*, São Paulo, Martins Fontes, 1998.